



UFRJ

Universidade Federal Do Rio De Janeiro
Faculdade de Letras
Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa

O Estatuto Morfológico do formativo -dromo no Português Brasileiro

José Augusto de Oliveira Pires

Rio de Janeiro
2014

O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO -DROMO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO

José Augusto de Oliveira Pires

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Letras Vernáculas da Universidade
Federal do Rio de Janeiro como quesito
para a obtenção do Título de Mestre
em Letras Vernáculas (Língua
Portuguesa).

Orientador: Prof. Doutor Carlos
Alexandre Victorio Gonçalves

Rio de Janeiro
2014

O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO -DROMO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO

José Augusto de Oliveira Pires

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves UFRJ Orientador

Prof.^a Doutora Monica de Toledo Piza C. Machado - UFRRJ

Prof.^a Doutora Katia Emmerick Andrade UNESA

Prof.^a Doutora Jaqueline Santos Peixoto UFRJ Suplente

Prof. Doutor Janderson Lemos de Souza UNIFESP Suplente

Rio de Janeiro
2014

Pires, José Augusto de Oliveira

O Estatuto Morfológico do formativo -dromo no Português Brasileiro/José Augusto de Oliveira Pires. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2014.

xi, 108f.; il.; 1,5 cm;

Orientador: Carlos Alexandre Gonçalves

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós graduação em Letras Vernáculas, 2013.

Referências Bibliográficas: f. 89-96.

1. Morfologia. 2. -dromo. 3. -ódromo. 4. Morfologia Construcional I Gonçalves, Carlos Alexandre. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2013. III.. O Estatuto Morfológico do formativo –dromo

Com muito amor, dedico este trabalho a Maria da Penha, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

O início de meus estudos como pesquisador se deu no ano de 2010, quando o professor Carlos Alexandre Gonçalves me concedeu o privilégio de fazer parte do grupo de estudos do qual faço: NEMP.

A partir de então, percebi, de fato, que a faculdade “começou”. Sendo assim, agradeço ao meu orientador por ter me proporcionado “meu ingresso na UFRJ”.

Primeiramente, gostaria de agradecer a DEUS por ter me dado a oportunidade de estar aqui e por tudo o que Ele me proporcionou até aqui, pois, sem dúvida, não teria conseguido sem a força Dele.

Aos meus pais Maria da Penha de Oliveira Daltro e José Correia Pires (*in memoriam*) por tudo o que sempre me proporcionaram, pelo carinho, pela dedicação e por terem me ensinado tudo o que aprendi até hoje como pessoa, como ser humano. Sem eles, não teria conseguido nada na minha vida. Muito obrigado.

Ao meu “novo pai”, Marcelo Duarte da Silva, e ao meu irmão, Antonio Carlos dos Santos, por terem me ensinado também a ser uma pessoa melhor. Sem dúvida, a contribuição de ambos foi fundamental.

À professora Maria Lúcia Leitão de Almeida, por também ter me acolhido no âmbito do NEMP. As inúmeras discussões foram, sem dúvida, bastante enriquecedoras para meu crescimento acadêmico.

À Rosângela Gomes Ferreira e ao Diego Pereira Scalioni Divino, que, sem a menor dúvida, foram dois dos meus sustentáculos ao longo dessa última década. Sem eles, tenho a exata noção de que não teria conseguido fazer metade do que fiz até hoje.

Aos meus cachorros Betoven (*in memorian*) e Princesa (*in memorian*) que me proporcionaram tantas alegrias em minha vida. Tenho a certeza de que muito da minha noção do que vem a ser amor aprendi com eles. Muito obrigado.

Aos professores com quem tive o privilégio de ter contato, como Lilian Ferrari, Violeta Rodrigues e Margarida Basílio, pois me demonstraram conhecimentos que foram de extrema importância para a minha formação acadêmica.

À Lilian Ribeiro Furtado, por sempre te me incentivado e apoiado a realizar a prova para o mestrado. Sem ela, não teria êxito nessa jornada.

Aos amigos do NEMP com quem tive o prazer de ter contato, como Patrícia Affonso, Kátia Emmerick,, Vitor Vivas, Thaian Espíndola, João Tavares, Lilian Cruz, Bruno, Ana Paula Belchor... A todos, o meu obrigado.

A outras pessoas que sempre torceram para mim, como Dayana Mendes, Diogo D'ippólito, Juliana Regina, Renata Martins, Flávio Cotta, mais conhecido como "paixão", Yasminni Bianor, Julia Schmidt, Patrícia Mariz, Guilherme Rodrigues, Ana Paula Santos, Daniel do Vale, Thatiane Azevedo, João Paulo Martinez... Obrigado a todos pelo apoio.

Por fim, agradeço à CAPES por um ano e meio de auxílio financeiro.

Cantiga para não morrer

*Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.*

*Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.*

*Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.*

*E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.*

Ferreira Gullar

SINOPSE

Análise do Estatuto Morfológico do Formativo -dromo segundo a Proposta da Morfologia Construcional.

RESUMO

O estatuto morfológico do formativo -dromo no português brasileiro.

JOSÉ AUGUSTO DE OLIVEIRA PIRES

Orientador: Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)

O formativo *-dromo* é proveniente do grego e tem como significado “ação de correr, lugar para corrida, corrida” (HOUAISS, 2009). Na língua grega, o formativo em questão era um elemento composicional. No atual estágio da língua, sobretudo na variedade brasileira, a partícula *-dromo* vem sendo amplamente utilizada na formação de novas palavras; no entanto, as mesmas não remetem ao significado dicionarizado. Em decorrência disso, aliado ao fato de o formativo em questão não possuir uma descrição detalhada, apropriada e pormenorizada na língua, apesar de referenciado em estudos como Laroca (2005) e Gonçalves (2011), que também apontam para a natureza derivacional de *-dromo*, o presente trabalho tem por objetivo principal comprovar o estatuto sufixal de *-ódromo*. Por isso, ponderamos que as formações mais novas com o formativo em questão (a) possuem uma diferença no estatuto morfológico da partícula, que deixa de ser um elemento de composição para ser visto como um elemento de derivação – uma mudança de radical para afixo e (b) passam a incorporar a vogal média baixa [ɔ], sendo, pois, *-ódromo* e não mais *-dromo*. Além disso, como forma de obtermos uma descrição ainda mais satisfatória, basear-nos-emos nos trabalhos propostos por Gonçalves (2011a) e Gonçalves

& Andrade (2012), assim como na Teoria da Morfologia Construcional de Booij (2005, 2010), visando a descrever e a representar o formativo *-ódromo* por intermédio de esquemas construcionais propostos pelo autor e, posteriormente, adaptados para o português em Gonçalves & Almeida (2013).

PALAVRAS-CHAVE: -dromo; -ódromo; derivação; composição.

ABSTRACT

The formative *-dromo* comes from the Greek and has the meaning "action of running, place to run, run" (HOUISS, 2009). In the Greek language, the formative in question was a compositional element. In the current stage of the language, especially in the Brazilian variety, the particle *-dromo* has been widely used in the formation of new words, however, they do not refer to the meaning in dictionaries. As a result, combined with the fact the formative concerned does not have a comprehensive, adequate and detailed description language, though referenced in studies as Laroca (2005) and Gonçalves (2011), which also indicate the nature of derivational *-dromo* the present work has the main goal to prove the suffixal status *-ódromo*. So we ponder that younger formations with the formation in question (a) have a difference in the morphological status of the particle, which ceases to be an element of the composition to be seen as a derivation element - a change from radical to affix and (b) shall incorporate low-mid vowel [ɔ], and therefore *-ódromo* and no more *-drome*. Moreover, in order to obtain a more satisfactory description, we will base on the work proposed by Gonçalves (2011a) and Gonçalves & Andrade (2012) and the Constructional Morphology of Booij (2005, 2010), seeking describe and represent the formative-ódromo through construcionais schemes proposed by the author and then adapted into Portuguese at Gonçalves & Almeida (2013).

KEYWORDS: *-dromo*; *-ódromo*; derivation; composition.

Sumário

1. PALAVRAS INICIAIS	15
2. AS REFERÊNCIAS A -DROMO NA LITERATURA	21
2.1 GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS.....	22
2.2 MANUAIS DE MORFOLOGIA DE DESCRIÇÕES MORFOLÓGICAS.....	25
2.3 MUDANÇA MORFOLÓGICA.....	28
3. MIGRAÇÃO DO ESTATUTO MORFOLÓGICO DE -DROMO: DA COMPOSIÇÃO PARA A DERIVAÇÃO	32
3.1 <i>APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS EMPÍRICOS DE GONÇALVES & ANDRADE (2012)</i>	32
3.1.1. POSIÇÃO.....	33
3.1.2. BOUNDEDNESS.....	34
3.1.3. RELAÇÃO PROSÓDIA-MORFOLOGIA.....	35
3.1.4. ESTABILIDADE FUNCIONAL.....	36
3.1.5. APLICABILIDADE.....	37
3.1.6. DENSIDADE SEMÂNTICA.....	38
3.1.7. PREVISIBILIDADE SEMÂNTICA.....	38
3.1.8. SELEÇÃO CATEGORIAL/SEMÂNTICA + COMBINABILIDADE.....	40
3.1.9. REGRAS DE REDUÇÃO DE COORDENAÇÃO.....	43
3.2 <i>APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS EMPÍRICOS DE KASTOVSKY (DIFERENCIAÇÃO ENTRE RAÍZES E AFIXOS)</i>	45
3.2.1. EXPANSÃO DE INVENTÁRIOS.....	46
3.2.2. FORMA DISTINTA.....	47
3.2.3. RESTRIÇÕES DE CO-OCORRÊNCIA.....	49
3.2.4. FUNÇÃO SINTÁTICA+RELAÇÃO CABEÇA-MODIFICADOR.....	50

3.2.5. NATUREZA DO SIGNIFICADO.....	51
3.2.6. PADRÃO MORFOSSEMÂNTICO.....	52
3.2.7. PRODUTIVIDADE	53
4. ABORDAGEM CONSTRUCIONAL (BOOIJ, 2005).....	56
4.1. APRESENTAÇÃO DO MODELO.....	56
4.2. ESQUEMA GERAL DA COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA.....	66
4.3. APLICAÇÃO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL.....	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
7. LISTA DE ANEXO.....	97

1. PALAVRAS INICIAIS

Nesta dissertação, estudamos o elemento morfológico *-dromo* nas construções *X-dromo*, em que X é vinculado a uma palavra de livre curso na língua, como em *sambódromo* (local destinado aos desfiles das escolas de samba, composto por uma passarela e uma área de dispersão das agremiações) e *namoródromo* (local destinado para namoros). O formativo *-dromo* é proveniente do grego e tem como significado “ação de correr, lugar para corrida, corrida” (HOUAISS, 2009). Na língua grega, o formativo em questão era um elemento composicional. No século XIX, foi importado em massa para o português e mais utilizado na formação de palavras da linguagem científica internacional, mais especificamente no domínio da botânica, a exemplo de *axonódromo* e *catádromo*, nessa ordem, *em que as nervuras terciárias se dispõem paralelamente às secundárias, das quais partem e em que as nervuras ímpares estão localizadas na face inferior e as pares, na superior* (HOUAISS, 2009).

No atual estágio da língua, sobretudo na variedade brasileira, a partícula *-dromo* vem sendo amplamente utilizada na formação de novas de palavras; no entanto, elas não remetem em sua totalidade ao significado dicionarizado. Há construções que, por mais que mantenham o sentido básico – lugar, local – apresentam uma diferente acepção, como são os casos de *camisódromo* e *piscinódromo*, respectivamente, *uma loja voltada para a vendagem de indumentárias voltadas para o público masculino e lugar onde se encontram várias piscinas*. Percebe-se, dessa maneira, que as construções mais atuais

realizadas com o formativo *-dromo* acabam tendo uma variação de significado, preservando, da acepção primitiva, apenas o significado de local.

Ademais, devemos também ponderar que as construções mais novas com o formativo em questão possuem uma diferença no estatuto morfológico da partícula, que deixa de ser um elemento de composição para ser visto como um elemento de derivação – uma mudança de radical para afixo. Concomitante a essa mudança, em vez de construções com *-dromo*, elas seriam realizadas com a incorporação da vogal média baixa [ɔ], sendo, pois, *-ódromo*, como são os casos de *pagodódromo* e *peixódromo*, que significam, nessa ordem, *espaço de lazer destinado para a prática do gênero musical pagode* e *local onde são comercializados diversos tipos de pratos culinários com peixe e que tem como objetivo principal a consolidação da atividade do pescado* e não **pagodédromo* e **peixédromo*, com manutenção das vogais da forma de base.

A partir dessas informações e tendo por base alguns manuais de morfologia, como é o caso de Sandmann (1988), em que o autor aponta que a partícula não mais seria *-dromo* e um elemento de composição, mas sim – *ódromo* e um elemento da derivação, em decorrência de *se prestar à formação de novas palavras em série e porque não ocorre livremente na frase* (SANDMANN, 1988: 47), interessou-nos, como objetivo central do estudo, o fato de a partícula em questão não possuir uma descrição detalhada, apropriada e pormenorizada na língua, apesar de referenciada em estudos como Laroca (2005) e Gonçalves (2011), que também apontam para a natureza derivacional de *-dromo*. Nenhuma pesquisa empírica, no entanto, foi realizada, daí resultando a presente dissertação, cujo objetivo principal é comprovar o estatuto sufixal de *-ódromo*.

A possibilidade de mudança no estatuto morfológico vem sendo um assunto cada vez mais abordado e questionado por autores como Bauer (2005), Joseph (1998) e Gonçalves (2011a), que entendem ser possível um formativo transitar da composição para a derivação, como é o caso de *-dromo*. Um exemplo histórico já existente na língua portuguesa e nas demais línguas latinas diz respeito ao caso de *-mente*, que se apresenta hoje como sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos. Gonçalves (2011a) menciona que:

“Em latim, estruturas X-mente tinham estatuto de composição sintagmática, visto que o elemento à direita figurava como forma livre na língua (um substantivo feminino) e era depreendido como tal nas construções de que participava.

Além de Gonçalves (2011a), Alves (1987) relata que a grande produtividade das novas formas *X-mente* foi decisiva para que essas construções passassem a atuar com um sufixo. Sobre essa assertiva, Alves (1987) afirma:

*Em latim, a partícula **mente**, substantivo, fazia parte de formações compostas: *bona mente, fera mente*. A partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em *‘rapidamente’, ‘recentemente’,* perdeu a significação e o valor substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios.*

Juntamente a essa noção, também tomamos por base o questionamento feito por estudiosos como Kastovsky (2009), Bauer (2005), Ralli (2007), Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012), em que os autores entendem que a composição e derivação não são processos claramente distintos; possuem fronteiras maleáveis e, portanto, seus membros possuem a

capacidade de se modificar ao longo do tempo. E é com base nessa noção que sustentamos a análise e a descrição de *-dromo* no português contemporâneo, cujo objetivo passa a ser o de averiguar a transformação por que passou a partícula em questão, de modo a ratificar que as construções mais atuais são (a) realizadas por processo derivacional (e não mais composicional) e (b) o elemento em questão passa a ser *-ódromo* e não mais *-dromo*. Na presente dissertação, além de nos basearmos nos trabalhos propostos por Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012), também nos fundamentaremos na Teoria da Morfologia Construcional de Booij (2005, 2010), visando a descrever e a representar o formativo *-dromo* por intermédio de esquemas construcionais propostos pelo autor e posteriormente adaptados para o português em Gonçalves & Almeida (2013).

Os dados que sustentam a análise foram coletados no *site* de busca *Google*; nos dicionários eletrônicos Aurélio (2004), Aulete (2009), Houaiss (2009) e Michaëlis (2012); em *sites* de relacionamento, como *facebook* e *twitter*; em jornais de grande circulação, caso de “O Globo”, além, também, de variadas situações comunicativas, como programas de televisão e rádio. Devemos levar em consideração que o levantamento feito a partir de dados provenientes da internet se mostra bastante produtivo e satisfatório, haja vista a facilidade de encontrá-los e de se ter noção da frequência de uso dos mesmos, principalmente nas redes sociais. No entanto, também foram recolhidos dados de dicionários etimológicos (CUNHA, 1986) e morfológicos (GÓIS, 1945; HECKLER et al., 1981) visando a rastrear o maior quantitativo possível de formações *X-dromo* e maior número de referências sobre o formativo em questão.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes. No capítulo 2, faz-se uma revisão bibliográfica sobre o formativo com relação à origem e ao percurso histórico por que passa a partícula em questão. Para tal, procuramos apresentar informações sobre o *-dromo* em dicionários (a) etimológicos (CUNHA, 1986), (b) eletrônicos (AURÉLIO, 2004; AULETE, 2009; HOUAISS, 2009 e MICHAËLIS, 2012) e (c) morfológicos (GÓIS, 1945; HECKLER et al., 1981). Além dos dicionários, também foram analisadas gramáticas tradicionais, como Cunha & Cintra (2001; 2008); Bechara (2004); Rocha Lima (2007) e manuais de morfologia, como Sandmann (1988), Laroca (2005) e Basilio (1997; 2010). Por último, apresentamos teóricos que se dedicaram com atenção ao formativo, como Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012).

Por sua vez, o capítulo 3 destina-se à análise dos dados a partir (a) de onze critérios empíricos arrolados por Gonçalves & Andrade (2012) e (b) de oito critérios elencados por Kastovsky (2009), com base em Préié (2008), já estudados por Gonçalves (2011b). Tais critérios servirão como base para checar o estatuto morfológico de *-dromo*, de forma a ratificar a transformação por que passa: migração da composição para a derivação.

No capítulo 4, é realizada a análise de *-ódromo* sob a perspectiva da Teoria da Morfologia Construcional, proposta por Booij (2005, 2010) e adaptada para o português por Gonçalves & Almeida (2013). O propósito é apresentar o arcabouço teórico, com o intuito de observar as principais motivações para a utilização da teoria de Booij no fenômeno em questão. Para tal, a seção 4.1 destina-se à apresentação do modelo; em 4.2, o intuito é mostrar o esquema geral da composição neoclássica, visando a apresentar como era o comportamento de *-dromo* como elemento composicional e sua

migração para o esquema da sufixação, ratificando a transformação por que passou. Já na seção 4.3 busca-se a aplicação da morfologia construcional ao formativo *-ódromo*, de modo a trazer um olhar mais abrangente e pertinente para as construções morfológicas que vêm sendo formadas, possibilitando a criação de padrões construcionais que, por sua vez, colaborariam para a constatação de produtividade da partícula na sua nova formatação: *-ódromo*

Por último, o capítulo 6 se dedica às considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e dos anexos.

2. AS REFERÊNCIAS A -DROMO NA LITERATURA

Ao fazermos um levantamento do formativo *-dromo* na literatura existente, percebemos a presença de visões diferentes acerca do tratamento dado a essa partícula. No que diz respeito às conceituações, podemos notar que abrangem desde a origem – *hippódromos* como a primeira palavra dicionarizada conhecida, que significa *lugar para as corridas de cavalos*, sendo datada do século XVII, mais especificamente do ano de 1677 (HOUAISS, 2009) –, passando por visões mais tradicionais, que o classificam como um elemento composicional, ou seja, como um radical (CUNHA & CINTRA, 2001; 2008) e (BECHARA, 2004); até propostas mais recentes, que apontam uma migração do formativo para o processo derivacional, sendo visto como um neossufixo do português (LAROCCA, 2005). Ademais, nessa nova visão, também podemos notar uma outra diferença: a incorporação da vogal [ɔ] ao formativo, passando de *-dromo* a *-ódromo*, como apontado, por exemplo, em Sandmann (1989), Basílio (1997; 2010) e Gonçalves (2011b; 2012).

Para revisar o que já foi dito a respeito de *-dromo*, consideramos, neste capítulo, (a) dicionários etimológicos, morfológicos e de referência (b) gramáticas tradicionais e (c) manuais de morfologia. Todas essas descrições têm como principal intuito um melhor entendimento de como os autores abordam o formativo para, posteriormente, apresentarmos as mudanças fonológicas, morfológicas e semânticas por que passa(ou) *-dromo* que apontem justamente para a existência de *-ódromo*.

2.1 GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS

Ao considerarmos as gramáticas tradicionais e os dicionários etimológicos, morfológicos e de referência, podemos notar que, muito embora sejam fontes diferentes, têm um ponto em comum: definem o formativo *-dromo* como um radical, sendo esse elemento classificado, pois, como unidade da composição.

Baseados na definição no dicionário *Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1986), de Antônio Geraldo da Cunha, constatamos que *-dromo* é analisado como um *elemento de composição, do grego drómos, ação de correr, corrida, lugar de corrida*. Como exemplo de formação que não veicula tal sentido – não se encaixa na concepção de ação ou lugar de corrida – tem-se *craspedódromo*, adjetivo relacionado à área da botânica, cujo significado é um qualificativo para formas *em que as nervuras secundárias são secantes em relação à margem da folha (diz-se de nervação)*.

Em se tratando dos dicionários eletrônicos consultados, no *Houaiss* (2009), verificamos que a definição é praticamente a mesma: *elemento de composição; pospositivo do grego drómos, ou 'ação de correr, lugar para corrida, corrida'*, como *aeródromo*, definido no referido dicionário como *espaço delimitado, em terra, provido de relativa infraestrutura para o pouso e decolagem de aeronaves destinadas ao transporte de passageiros ou de cargas diversas*.

Muito embora o dicionário *Aurélio* (2004) traga uma informação um pouco diferente, podemos verificar que o conceito central não fica muito distante dos já mencionados, a saber: *elemento de composição; ação de*

correr, *'corrida'*; *'deslocamento rápido em veículo'*; *'lugar para correr'*; *'pista'*; *'local de'*; *'fluxo'*, *'corrente'*. O exemplo apresentado na obra é *autódromo*, denominado como o *conjunto de pistas e edifícios (instalações para administração, arquibancadas, controle, oficinas de reparos, etc.)*, para *corrida de automóveis*.

No dicionário *Michaelis* (2012), percebemos a existência de duas entradas: a primeira, de *dromo* como forma livre, é de *Avenida ladeada de árvores diante dos templos gregos; campo de jogos esportivos entre os gregos; estádio*. Já a segunda entrada destaca *-dromo* como elemento composicional do grego *drómos*, que *exprime a ideia de curso, corrida, condutibilidade, marcha*, tendo como exemplo o mesmo visto no dicionário Houaiss: *aeródromo*.

Por último, ao fazermos um levantamento nos dicionários morfológicos, também notamos que as considerações feitas acerca do formativo *-dromo* apontam para uma concepção mais composicional. A partir da investigação feita em *Heckler* (1981), notamos que a conceituação diz respeito à origem no grego *dromos*, que seria *relativo a carreira; correr; que corre*. Ao visualizarmos os dados explicitados no dicionário, percebemos que apontam a forma *drom-* encaixando-se tanto na primeira quanto na segunda posição da palavra. Como exemplos de primeira posição, temos *dromedário*, *dromomania*, *dromoterapia* e *dromórnilo*, que seriam, nessa ordem, *mamífero artiodátilo da família dos camelídeos (Camelus dromedarius)*, *com apenas uma corcova, impulso incontrolável e mórbido de perambular, de viajar, técnica que utiliza a marcha ou caminhada com finalidades terapêuticas associada, em geral, a flexões respiratórias e circulatórias* e *designação comum às aves que, como o avestruz e a ema, são capazes de correr mas não de voar* (HOUAISS, 2009). Por sua

vez, nos de segunda, temos *perídromo*, *prodrômico*, *pródromo*, *síndroma* e *síndrome*, que seriam *galeria ou espaço coberto em torno de um edifício, relativo a pródromo, o que antecede a (algo); precursor, prenúncio, antecedente; síndrome e conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica.*

Em Góis (1945), a descrição também é referente a “*drom*, carreira:

Raiz grega. De Drom-os. Em drom -ed-ario (por drom - ad - ario, por dissimulação; originalmente “corredor”; do latim drom-ad-arius, sendo o segundo elemento ad incremento do genitivo drom-ad-is, cujo nominativo era drom-as), drom-ornith-os (aves que “correm”) drom-o (corrida, liça, estádio), donde hippó-dromo”.

Nos dicionários – etimológicos, eletrônicos e morfológicos –, percebemos que a abordagem acerca de *-dromo* não contempla satisfatoriamente as construções instanciadas no atual estágio da língua, limitando-se a listar construções mais antigas, muitas das quais já bastante opacas, importadas diretamente do grego.

Analisando, dessa vez, gramáticas tradicionais, também notamos que as conceituações são basicamente as mesmas. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra (2001), *-dromo* é definido como *lugar para correr* e exemplificado com o vocábulo *velódromo*, cuja denominação é de *local destinado a corridas ciclísticas, dotado de pistas, instalações para o público etc.* Na versão mais atualizada desse livro, os autores trazem a mesma concepção, apresentando que *-dromo funciona, preferentemente, como segundo elemento da composição* (CUNHA & CINTRA, 2008:126), como se observa em *hipódromo*. Para Evanildo Bechara (2004), *-dromo* significa *Corrida, curso*, e a exemplificação também se faz com

hipódromo, entendido como *local com pistas próprias para corridas de cavalos e tribunas para o público*. A última gramática consultada foi a de Rocha Lima (2007), em que não há menção ao elemento em análise, seja no processo de composição, seja no processo de derivação.

Quando fazemos uma ponderação acerca das abordagens até agora contempladas – seja nos dicionários etimológicos, eletrônicos e morfológicos, seja nas gramáticas tradicionais –, percebemos que as descrições realizadas tendem a classificar o formativo *-dromo* como um radical, sendo este concebido, portanto, como um elemento composicional.

2.2 MANUAIS DE MORFOLOGIA DE DESCRIÇÕES MORFOLÓGICAS

Ao partirmos para a pesquisa nos manuais de morfologia, notamos que a descrição feita mostra-se diferente das realizadas nos dicionários (etimológicos, eletrônicos e morfológicos) e nas gramáticas tradicionais. Autores como Sandmann (1988) e Laroca (2005) apresentam uma visão alternativa acerca do estatuto morfológico de *-dromo*.

Sandmann (1988), na seção 2.2.1.1.19, traz o formativo não mais como elemento de composição, sequer como *-dromo*, mas como elemento de derivação *-ódromo*. Justifica tal transição relacionando-o a um sufixo em razão de *se prestar à formação de novas palavras em série e porque não ocorre livremente na frase* (SANDMANN, 1988: 47). O autor pondera que o significado inicial – *ação de correr, corrida, lugar de corrida* – não pode ser relacionado diretamente ao significado atual das novas formações; há a ampliação do

sentido inicial, como forma de conseguir contemplar as formações mais recentes, pois muitas se baseiam na acepção de *lugar, locativo*, como é o caso de vocábulos como *camelódromo*, que se refere ao *lugar de concentração do comércio popular na cidade do Rio de Janeiro*, e *amoródromo*, *lugar para a prática do amor*. Nesses dois exemplos, a ideia de locativo se mantém, sem, entretanto, fazer referência a um lugar para corrida.

Laroca (2005) aborda o elemento *-dromo* como sendo um *neossufixo*, isto é, um elemento derivacional. Mantém, todavia a forma *-dromo*, diferentemente de Sandmann (*op. cit.*). À semelhança do autor, Laroca também constata haver uma transformação no que diz respeito à mudança de sentido em sua origem: *de curso, corrida, marcha, condutibilidade, passou a designar o local (apropriado) para acontecer determinado fato ou evento* (LAROCCA, 2005: 75), como em *namoródromo, papódromo e beijódromo*.

Basilio (1997) argumenta que, dentre alguns dos processos referentes a operações analógicas, haveria um novo modelo da esquematização com *-dromo*; haveria o formato realizado nas construções *X-ódromo*. A autora, com base no processo de *hipódromo* e na noção de “lugar de atividade de cavalo”, aborda, por analogia, novas construções, como *camelódromo* e *namoródromo* como *lugar de atividade de camelô* e *lugar para namorar*, respectivamente. Ademais, Basilio (2010), a autora volta a reiterar a noção de que, dentre alguns dos processos estabelecidos por construções analógicas, o formativo *-dromo* se encaixa, agora, no modelo *X-ódromo*.

Mexias-Simon (2001) aponta uma série de maneiras para o estabelecimento de neologismos, dentre elas, por derivação sufixal. Ao apresentar as várias formas sufixais, a autora chama a atenção para as

formações com *-ódromo*. Destaca que *com a criação da Passarela do Samba, que jamais foi chamada por esse nome, a partícula -ódromo (e não -dromo) sempre proparoxítota, passou a designar “lugar onde” com as mais imprevisíveis criações: camelódromo, namoródromo, fumódromo, gudódromo etc* (SIMON, 2001: 3).

Alves (2007) destaca que são *curiosas as formações obtidas com a base não-autônoma -ódromo, freqüentes a partir da criação do sambódromo, o ‘lugar do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro’* (ALVES, 2007: 47). Sendo assim, a autora reafirma a ideia de que o formativo, de fato, tende a uma gradativa migração para uma forma sufixal; menciona que *é usada com frequência na segunda posição e já começa a desempenhar função sufixal* (ALVES, 2007: 48).

Gonçalves (2011b), ao fazer uma ponderação sobre diversos formativos gregos, dentre eles a partícula *-dromo*, considera que estas *são formas indiscutivelmente presas, possuindo, assim, mais uma característica das derivações ordinárias* (GONÇALVES, 2011b: 16). Além disso, considera que a vogal [ɔ], *outrora imprevisível e entendida como elemento relacional, passa a ser parte integrante dos formativos à direita* (GONÇALVES, 2011: 7). Dessa forma, além de considerar a modificação do estatuto morfológico de *-dromo*, também contempla a anexação da vogal [ɔ] ao formativo, passando, portanto, a *-ódromo*.

Com o levantamento feito nos manuais de morfologia, notamos que os autores são unânimes em considerar a transformação por que passa o formativo *-dromo* no português contemporâneo, sobretudo na variedade brasileira, de onde provém a maior parte dos dados que compõem nosso

corpus. Dessa maneira, percebemos que os autores relativizam a categorização como radical, assumindo que a forma em questão hoje se comporta como sufixo.

2.3. MUDANÇA MORFOLÓGICA

Acerca das transformações por que passa *-dromo*, o seu percurso histórico auxilia para a indicação de uma modificação no que diz respeito ao seu estatuto morfológico. Gonçalves (2012), analisando vários elementos de segunda posição, incluindo *-dromo*, mostra que, em sua trajetória, esse elemento reconheceu três importantes momentos históricos na língua: o primeiro faz menção à origem, isto é, à primeira aparição da partícula, que remonta, como afirmamos anteriormente, ao século XVII (*hipódromo*); já o segundo, faz menção à expansão do uso que se faz mais presente no século XIX, por força dos tecnicismos, isto é, do período referente à nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária, com a inclusão de várias formas *X-dromo*, a exemplo dos vários termos da botânica, como, entre outros, *acródromo* (*em que duas ou mais nervuras primárias, ou secundárias muito desenvolvidas, partindo da base da folha, se arqueiam e convergem em direção ao ápice*) e *camptódromo* (*em que as nervuras secundárias são tangentes à margem da folha*); por último, o terceiro momento evidencia a mudança propriamente dita entre os séculos XX e XXI, com a criação de palavras a partir de palavras (não mais de radicais), a exemplo de *sambódromo* e *camelódromo*.

Com relação à origem, o elemento *-dromo* é oriundo do grego *drómos*, um substantivo e, portanto, uma forma livre nessa língua. Constatamos, no entanto, que o vocábulo em questão adentrou o português por via erudita,

sendo *hippódromos* a primeira palavra dicionarizada conhecida, vinda pronta para o português, isto é, sua estrutura de palavra complexa vem da língua doadora, o grego clássico.

Já a partir do século XIX, *-dromo* começa a ser mais utilizado; há uma expansão no número de palavras vinculadas à construção *X-dromo*. Tal aumento se faz notar dentro de uma linguagem mais científica internacional, particularmente no domínio da morfologia vegetal, um ramo da biologia. Um exemplo relacionado à botânica é *campilódromo*, denota *em que diversas nervuras primárias partem de um único ponto na base da folha, formando arcos acentuados e convergindo em direção ao ápice (diz-se de nervação)*. O que se constata, de fato, é uma tendência a se optar por formativos mais eruditos. Em outras palavras, significa dizer que há o acréscimo de bases gregas e latinas, com a intenção de intelectualizar as novas formações. Tomando por base o exemplo anterior, quando desmembramos as bases, verificamos que *campilo* é oriundo do grego *kampylos*, significando *curvo*. Já as formas mais antigas que remetem a *hipódromo*, por nomearem local de corrida, podem ser consideradas manufaturadas (feitas à mão, nos termos de Sandmann, 1989), já que fazem uso de um radical preso na primeira posição:

- (01) velódromo
- canódromo
- aeródromo
- autódromo

A terceira e última fase histórica aludida por Gonçalves (2012) tem como foco as construções nos séculos XX e XXI. Tendo um processo análogo ao da produção sistemática de palavras, notabilizamos o advento de diversas palavras em outros campos além do da botânica, como a nomeação de

estádios e arenas, e também fora de contextos mais formais. A tendência passa a ser não mais optar por formativos eruditos na primeira posição, cuja base era constituída de elementos gregos e latinos; passa-se a optar por formas mais transparentes, com radicais diretamente vinculados a palavras de uso mais comum.

É nesse contexto de criação sistemática que passamos a perceber a mudança de estatuto morfológico por que passou o formativo, pois o mesmo começa a ser mais produtivo, formando palavras em série. Com o intuito de exemplificar uma menor erudição no processo, mencionemos *sambódromo*, ao que tudo indica a primeira formação mais popular terminada em *-dromo*, surgida na década de 1980. É de conhecimento geral que o exemplo é definido como *o local destinado aos desfiles das escolas de samba, composto por uma passarela e uma área de dispersão das agremiações*. Ora, ao desmembrarmos o termo, perceberemos que (a) o elemento que aparece à esquerda, *samb-*, é categorizado como radical, variável lexical, nos termos de Villalva (2000), combinável com sufixos nominais e (b) esse radical, embora preso, correlaciona-se diretamente com uma palavra passível de ser usada isoladamente na língua – a base livre *samba*. Além disso, também percebemos que *-dromo* não só serviu para fazer alusão a um lugar, a um local, como agora passa a *-ódromo*, já que sufixos nominais tendem a iniciar-se por vogais, a exemplo de *-eiro*, *-ista*, *-ão*, *-íssimo* e *-ário*, para citar apenas alguns.

Dessa maneira, o formativo em questão passa por uma gradativa transformação no que diz respeito ao seu estatuto morfológico (de radical a sufixo). Tendo em vista essa modificação, o próximo capítulo se destina a trazer uma série de critérios enumerados (a) por Gonçalves & Andrade (2012)

e (b) por Kastovsky (2009), este último com base em Préié (2008), que, de fato, colaboram para ratificar a migração de *-dromo* da classe de radical para a de sufixo, o que constitui um claro processo de gramaticalização¹.

¹ Segundo Hopper & Traugott (1991) *apud* Oliveira (2014), gramaticalização seria o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Os autores indicam duas perspectivas de estudo da gramaticalização, a histórica, que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças típicas que as afetam, e a perspectiva sincrônica, que estuda o fenômeno em questão do ponto de vista de padrões fluidos de uso linguístico.

3. MIGRAÇÃO DO ESTATUTO MORFOLÓGICO DE -DROMO: DA COMPOSIÇÃO PARA A DERIVAÇÃO

No presente capítulo, visamos a aplicar diversos critérios estabelecidos por (a) Gonçalves & Andrade (2012) e (b) Kastovsky (2009), este último com base em Préié (2008), ao formativo em questão que confirmem a modificação por que passou a partícula no português contemporâneo. Tal aplicação tem por intuito não apenas ratificar uma transformação em seu estatuto morfológico – da composição para a derivação – como também no modo como se apresenta – de *-dromo* para *-ódromo*. Para uma melhor divisão, em um primeiro momento, empregaremos os critérios arrolados por Gonçalves & Andrade (2012); posteriormente, os do Kastovsky (2009), já analisados por Gonçalves (2011b), fazendo as devidas adaptações para a partícula em questão.

Sobre os critérios, o primeiro é constituído de 11 parâmetros, no entanto, (a) o critério 8 (“Inventário”) não será utilizado em decorrência de aludir a características gerais dos afixos e dos radicais, de modo que não seria um parâmetro ideal para analisar elementos morfológicos individualmente e (b) por entendermos que existe uma forte semelhança entre os critérios 9 (“seleção categorial”) e 10 (“combinabilidade”), serão analisados em conjunto, totalizando, pois, 9 aspectos a considerar. Por sua vez, os de Kastovsky totalizam 8, todavia, em decorrência de os parâmetros (4) e (5) apresentarem similaridades, ambos serão analisados em conjunto.

3.1 APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS EMPÍRICOS DE GONÇALVES & ANDRADE (2012)

Os parâmetros elencados por Gonçalves & Andrade (2012) são distribuídos em (02), a seguir:

(02) (1) Posição; (2) Boundedness; (3) Relação Prosódia-morfologia; (4) Estabilidade Funcional; (5) Aplicabilidade; (6) Densidade Semântica; (7) Previsibilidade Semântica; (9 e 10) Seleção Categorical/semântica+Combinabilidade e (11) Regras de redução de coordenação.

3.1.1 POSIÇÃO

Acerca do critério **posição**, devemos considerar que afixos possuem restrições posicionais, enquanto radicais não necessariamente possuem tais restrições. Em outras palavras, o elemento derivacional “tende a aparecer em uma posição pré-determinada na estrutura morfológica da palavra” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 2), enquanto os radicais têm maior mobilidade dentro da palavra. Para esse último, há como exemplo o caso do neoclássico *fone*. Esse formativo pode aparecer em construções do tipo *fonética* e *telefonía*, demonstrando a possibilidade de figurar tanto à esquerda quanto à direita em vocábulos complexos. No caso de *-ódromo*, o mesmo se encaixa, por esse parâmetro, no rol dos elementos derivacionais, em decorrência de aparecer somente na segunda posição, isto é, na posição de sufixo. Não há possibilidade de esse elemento ocorrer na borda esquerda da palavra, ou seja, na posição de base ou prefixo. Exemplos como *bodódromo*, que designa *local complexo gastronômico de degustação da carne de bode*,

ratificam a afirmação, comprovando que, ao contrário de outros neoclássicos, como *-metro*, que eventualmente aparecem na posição de radical, a exemplo de **métrico** e **metragem**, *-ódromo* nunca é vinculado à borda esquerda da palavra.

Portanto, pelo critério **posição**, *-ódromo* tende a ser classificado como elemento da derivação.

3.1.2 BOUNDEDNESS

O critério **boundedness** tem por caracterização ponderar que afixos constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, por só se manifestarem quando combinadas a outras formas (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 2). Isso significa dizer que, por esse critério, constata-se que *-ódromo*, uma vez mais, aproxima-se do processo derivacional. Isso se dá em decorrência da impossibilidade de o formativo se constituir como um vocábulo de livre curso na língua, diferentemente de elementos composicionais. Tomemos como exemplo a formação **aguardente**. Ainda que haja a perda segmental da vogal [a] quando da junção dos vocábulos, conseguimos vislumbrar se tratar de duas palavras com possibilidade de livre curso na língua – **água** e **ardente**. No caso do neossufixo, não visualizamos essa possibilidade, fato já observado por Sandmann (1988). Ao analisarmos *camisódromo*, que seria uma *loja destinada para a vendagem de roupas para o sexo masculino*, o primeiro item tem a possibilidade de se constituir enquanto um elemento isolado – *camisa* – no entanto, o segundo não possui livre curso na língua. Isso se dá em razão de

não haver a possibilidade de *-ódromo* se manifestar sem que lhe seja anexada uma palavra, por não possuir significado de maneira isolada. Uma construção como “o sambódromo é um ódromo de desfile” soa estranha porque *-ódromo* não se constitui enquanto um vocábulo de livre curso na língua.

Conforme este critério, também notamos que *-ódromo* se encaixa na derivação, comportando-se como sufixo.

3.1.3 RELAÇÃO PROSÓDIA-MORFOLOGIA

No que diz respeito à **relação prosódia-morfologia**, o fato se baseia em sufixos não projetarem, sozinhos, palavras prosódicas independentes. Significa dizer que não constituem uma palavra prosódica em virtude de serem presos e subordinarem-se a um único acento, diferentemente do que ocorre na formação de compostos (*beija-flor*) ou mesmo na formação de várias palavras prefixadas (*pré-escola*). Em outras palavras, a pronúncia do sufixo está atrelada ao fato de estar adjungido à outra forma, com ela constituindo uma unidade acentual. Formações como *celularódromo* e *caródromo*, que significam, respectivamente, *local para o armazenamento de celulares* e *lugar onde ficam as fotos individuais de uma turma em uma única imagem* se realizam em uma única palavra prosódica. Tal fato pode ser confirmado por regras fonológicas do vocalismo pretônico, aplicadas no âmbito desse processo, como a neutralização. De *bode* para *bodódromo*, a vogal pretônica se realiza [o], seguindo a tendência de realização na fala carioca. A realização com média aberta [ɔ] seria licenciada por harmonia vocálica, já que o sufixo contém uma média aberta.

Pelo terceiro critério, uma vez mais o elemento tende a ser considerado derivacional.

3.1.4 ESTABILIDADE FUNCIONAL

Para o quarto critério, ou seja, **estabilidade funcional**, Gonçalves & Andrade (op. cit.: 3) estipulam que “afixos tendem a ser caracterizados como elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada”, situação um pouco diferente em uma relação aos compostos, menos estáveis tanto sintática quanto semanticamente. Em outras palavras, quando se tem o processo da composição, percebemos que o *input* pode não ser tão regular ou padronizado quanto o do processo derivacional.

Rocha Lima (2007) constata haver dez tipos diferentes de composição no âmbito da justaposição – entendendo composição por justaposição como *apenas justapor-se, conservando cada qual sua integridade de forma e acentuação* (LIMA, 2007: 225). Eis alguns desses tipos de formação contemplados pela gramática: **substantivo+substantivo** sendo **peixe-espada** um de seus exemplos; **substantivo+preposição+substantivo** com **pé-de-moleque** uma das possibilidades; **verbo+verbo** tal qual em **corre-corre**, dentre outros.

Por sua vez, para o neossufixo em questão, percebemos uma padronização no que concerne à formação do vocábulo. O produto, no *corpus* levantado até o presente momento, **sempre** foi um substantivo formado a partir de uma base substantiva e/ou adjetiva, como em *paizódromo* e *bobódromo* que, nessa ordem, designam *lugar de encontro dos pais* e *lugar de*

concentração de bobos. Ao observarmos os exemplos, constatamos que no primeiro caso o *input* é um substantivo; no segundo, o *input* é um adjetivo e que ambos têm como *output* um substantivo que indica localidade. Por mais esse critério, constatamos que o elemento *-ódromo* vai ao encontro de um processo derivacional. Evidência disso é o fato de esse elemento responder pela classe e pelo significado do produto, além de determinar o gênero (sempre masculino).

3.1.5 APLICABILIDADE

No critério **aplicabilidade**, Gonçalves & Andrade (2012: 3) mencionam que “afixos servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de formação de novas unidades lexicais”. Com radicais, notamos que a produção lexical não é tão notável quando com sufixos. Em *beija-flor* notamos que os vocábulos, quando isolados, não possuem a tendência de uma formação sistemática, de modo a demonstrar um grande potencial em termos de produção em larga escala. Quando o formativo *-dromo* era concebido, em sincronias passadas, como um elemento de composição, vemos que sua produção não é tão considerável quando do momento em que o concebemos como um afixo. A diferença é tão significativa que passamos a ter o dobro de palavras – a maioria delas ainda não-dicionarizada. Vocábulos como *musicódromo* e *urubuzódromo*, que são, nessa ordem, *lugar destinado para a prática de se escutar música* e *local onde reside um depósito irregular de lixo que, por usa vez, acaba por atrair diversos urubus* podem vir a atestar a produtividade atrelada à criatividade de incrementar o léxico na língua

portuguesa. Tendo em vista tais assertivas, podemos notar que o elemento em análise está, assim como os outros critérios, propenso para o lado da sufixação. O *corpus* contém 110 formações, o que atesta a grande aplicabilidade do formativo, volume compatível com o de afixos como *-ice* (Gonçalves, 2011a).

3.1.6 DENSIDADE SEMÂNTICA

O sexto critério adotado – **densidade semântica** – estipula que “afixos atualizam significados mais largos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 3). Em outras palavras, deve-se entender que o significado do afixo determina se o mesmo será aplicável ou não em larga escala. Caso a semântica do formativo tenha maior grau de generalização, maiores são as chances de ser aplicado em larga escala; caso contrário – se o formativo tiver menor grau de generalização – as chances diminuem. Ao analisarmos o formativo *-ódromo*, notamos que, em razão de expressar *local, lugar*, acaba tendo um alto grau de generalização. A noção de lugar é ampla o bastante para ser aplicada em larga escala. Por isso mesmo, *-ódromo* tornou-se tão produtivo nos dias de hoje.

Pelo sexto critério *-ódromo* também tende a ser visto como derivacional.

3.1.7 PREVISIBILIDADE SEMÂNTICA

O sétimo critério, ou seja, **previsibilidade semântica**, tem por circunstância trazer a ideia de que afixos tendem, recorrentemente, a atribuir a

mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Por isso mesmo, os itens lexicais resultantes “tendem a ser interpretadas composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 3), situação um pouco diferente em relação aos compostos, que, por serem combinações mais livres, muitas vezes opacificam a construção, em prol da rotulação, não sendo interpretados composicionalmente, a exemplo de *viúva-negra*, uma aranha, e *pé-de-moleque*, um doce. Ao analisarmos exemplos com *bolsa*, conforme Faria (2011), podemos perceber que, quando da anexação a um outro vocábulo, uma pluralidade de significações pode ser constatada, tal qual em *bolsa-família* que se caracteriza por ser *um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza*. Já em *bolsa floresta*, percebemos que se trata de um projeto pioneiro no Brasil, certificado internacionalmente, criado com o propósito de *recompensar e melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais pela manutenção dos serviços ambientais prestados pelas florestas tropicais, reduzindo o desmatamento e valorizando a floresta em pé*. Analisando ambos os vocábulos, percebemos que o beneficiado no primeiro caso é a própria família. Caso mantivéssemos a análise sob uma perspectiva da composicionalidade, o segundo caso também seria um benefício concebido à floresta, o que não acontece. O benefício é concedido a populações que zelam pela manutenção e preservação das florestas tropicais, assim como não compactuando com desmatamento da mesma. Temos, pois, a ideia de que radicais tendem a possuir combinações mais livres em suas relações de sentido.

Quando partimos para a análise específica de *-ódromo*, percebemos que, geralmente, vincula um significado mais previsível, que seria *lugar de* em exemplos tais como *funkódromo* e *bicicletódromo* que são denominados como *lugar para a prática do estilo de música funk* e *lugar para o estacionamento de bicicletas*. Em ambos os casos, a concepção se dá pelo processo da composicionalidade o que, por sua vez, acaba também vinculando o formativo ao processo derivacional: as formações com essa partícula são sempre interpretadas como locais de algum modo relacionados ao significado da base, mesmo quando esta tem motivação metonímica. Tendo como exemplo *porcódromo*, que seria *o estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras*, temos uma motivação metonímica, na medida em que um animal designa a torcida do Palmeiras. O clube paulista adotou o mascote como sendo o símbolo que representa seus torcedores; sendo assim, o Parque Antártica – estádio do clube paulista – passa a designar o local onde joga o time cuja torcida é conhecida como “torcida de porcos”. Desse modo, a referência ao estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras passa a ser *porcódromo*.

3.1.8 SELEÇÃO CATEGORIAL/SEMÂNTICA+ COMBINABILIDADE

Pelo critério **seleção categorial/semântica**, afirma-se que afixos impõem restrições à base em termos sintáticos e semânticos. Já radicais não impõem tantas restrições por tenderem a ser mais livres. Levando-se em consideração a **estabilidade funcional**, visualizamos que elementos da composição podem ser feitos pela soma de **substantivo+substantivo**;

substantivo+preposição+substantivo; verbo+verbo, além de outras possibilidades tal qual **substantivo+adjetivo; pronome+substantivo; adjetivo+adjetivo**. Quando analisamos afixos, constatamos não haver essa possibilidade tão ampliada. Isso também se dá pela noção de **combinabilidade**, pois afixos “impõem restrições semânticas e sintáticas sobre o constituinte a que se agregam. Em outras palavras, selecionam a categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo) e a classe semântica (por exemplo, abstrato/concreto; contável/não-contável) do constituinte com que se combinam” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 3). Se tomarmos por base o prefixo *des-*, notaremos que este somente se anexa a bases que possibilitam *reversibilidade* – e, em menor número, circunstâncias que apontam *negação*. De fato, tornam-se agramaticais vocábulos **destossir* e **desjogar* em virtude de ambos não poderem ser executados novamente, uma vez que a ação é irreversível. Significa dizer que ao tossirmos não há como **destossir* assim como caso joguemos um objeto não se pode **desjogá-lo*. Sendo assim, ainda que tenhamos bases verbais, não são todas que se combinariam com o prefixo comentado.

Levando-se em consideração o formativo *-ódromo*, percebemos que o mesmo se encaixa nas noções de **seleção categorial/semântica** e de **combinabilidade**, uma vez que a partícula em questão (a) dificilmente se combina com formas combinatórias² – que na literatura atual são conhecidas como *Splinters*³ e (b) comporta-se como um afixo, mais precisamente como um

² Formas combinatórias – atualmente *Splinters* – são elementos encurtados que se assemelham a afixos, em função de se encontrarem em uma borda específica, mas que, em decorrência de seus significados, correspondem a radicais, como nos casos de *-drasta*, *-trocínio*, e *caipi-*

³ Em inglês, *splinter* originalmente significa “fragmento”, “pedaço”, “lasca”. Na literatura morfológica, por sua vez, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma

sufixo, em que a variável lexical com que se articula é o radical (VILLALVA, 2000:25).

Em (a), nas formas combinatórias, ou *Splinters*, notamos que adjunção de *caipi-* a *-ódromo* resultaria em **caipiódromo*, não sendo possível tal formação. Por sua vez, também seria pouco recorrente a construção com os *radicais neoclássicos*, como seria o caso de *antropo*, em que teríamos **antropódromo*. Por último, também percebemos não ser comum a anexação ao elemento de recomposição (*afixoide*) *eco-*⁴ao formativo *-ódromo*, haja vista que *eco-* “é uma forma que sozinha não funciona como palavra, ou seja, não estabelece comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), e fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português.” (OLIVEIRA, 2012). Sendo assim, não haveria a formação **ecódromo*. Esses exemplos inventados atestam a total impossibilidade de *-ódromo* combinar-se com constituintes morfológicos variados, a exemplos de *splinters*, afixoídes (elementos de recomposição) e radicais neoclássicos.

Os dados que compõem o corpus evidenciam que o elemento morfológico aqui analisado combina-se exclusivamente com radicais, ainda que estes estejam correlacionados a palavras, o que o torna um sufixo legítimo por esse critério. Em algumas construções, aparece uma consoante de ligação – [z]. Nas formações com *pai*, *café*, *urubu*, *gay* e *rolé* palavras atemáticas constituídas unicamente de radicais, as novas construções não são, nessa ordem, **paiódromo*, **caféódromo*, **urubuódromo*, **gayódromo* e **roleódromo* e

original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais (GONÇALVES 2011b). Por se tratar de um termo técnico, preferimos não traduzi-lo e o fizemos por dois motivos, fundamentalmente: (a) traduções nem sempre são precisas para caracterizar unidades como essas e (b) acreditamos que a literatura da área precisa adotar um vocabulário universal para evitar a proliferação de vários termos técnicos usados em referência a uma mesma entidade.

⁴ Segundo Oliveira & Gonçalves (2011), *eco-* se comporta atualmente mais como um prefixo, adjungindo-se a formas de livre curso na língua e criando palavras em série.

sim *paizódromo*, *cafezódromo*, *urubuzódromo*, *gayzódromo* e *rolezódromo*. Caso [ɔ] fosse uma vogal de ligação, seria inviável haver em uma mesma palavra uma vogal e uma consoante de ligação. Como uma mesma palavra poderia comportar elementos com a mesma função, isto é, combinação morfológica aos padrões fonotáticos da língua? Nesse sentido, temos uma evidência para ratificar a incorporação da vogal média baixa [ɔ] a *-dromo*, apontando, pois, para *-ódromo*: a presença da consoante de ligação em palavras atemáticas. Nas palavras temáticas, o radical é inteiramente aproveitado, como se vê em *porcódro*, *bichódro* e *bodódro*, palavras terminadas em diferentes índices temáticos.

Sendo assim, pelas noções de **seleção categorial/semântica** e de **combinabilidade**, *-ódromo* se apresenta como um elemento derivacional.

3.1.9 REGRAS DE REDUÇÃO DE COORDENAÇÃO

O último critério – **regras de redução de coordenação** – considera que afixos não são sensíveis às regras de redução de coordenação: “a não possibilidade de coordenação se deve ao fato de os afixos carregarem significados por demais generalizados, o que os impede de apresentar livre curso na língua” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 3). Ao levarmos em consideração este critério, notamos a possibilidade de coordenar as palavras sem, no entanto, pressupor o apagamento de *-ódromo*, uma vez que passam a ser interpretadas em seu sentido primitivo e não derivado. Dito de outra maneira, observa-se a adequação da regra com o formativo *-ódromo*, em decorrência de a supressão do mesmo em uma das formações não possibilitar

o entendimento da coordenação em duas ou mais palavras com o afixo em questão. Como exemplo, analisemos *cachorródromo* e *bodódromo*, que são, respectivamente, *local para a corrida de cachorro* e *lugar para corrida de bode*. Ao suprimirmos *-ódromo* na primeira formação – *cachorro* e *bodódromo* –, a ideia de coordenação de dois locais não se sustenta, pois não se entende (a) que seriam duas palavras derivadas, e sim uma primitiva e outra derivada – *cachorro* e *bodódromo* – e (b) que seriam dois lugares para corrida, mas sim um animal e um *lugar para corrida de bode*. A ideia se mantém, mesmo que troquemos a ordem: *bodódromo* e *cachorródromo*. Ao suprimirmos *-ódromo* na primeira formação, notamos que a coordenação não se sustenta em *bode* e *cachorródromo*, já que, novamente, (a) não seriam duas palavras derivadas, e sim uma primitiva e outra derivada – *bode* e *cachorródromo* – e (b) não seriam dois lugares para corrida, mas sim um animal e um *lugar para corrida de cachorro*. Sendo assim, pelo último critério, notamos que a partícula em questão, de fato, não se adéqua às **regras de redução de coordenação** comportando-se, pois, como um afixo e não mais como um radical.

A partir da aplicação dos critérios empíricos propostos por Gonçalves & Andrade (2012), percebemos a mudança do estatuto morfológico do formativo *-ódromo*. Ao nos valermos dos parâmetros elencados pelos autores, ratificamos a visão proposta, em consonância à estabelecida por estudiosos, como Laroca (2005), Sandmann (1988) e Gonçalves (2011b), de que a partícula *-dromo* passou por uma transformação, já que não se trata mais de um elemento composicional e sim derivacional; passa de um radical a um afixo – no caso, um neossufixo – em que se apresenta, de acordo com Mexias-Simon (2001),

como *-ódromo* e não mais *-dromo*. Como forma de melhor visualização acerca de todos os critérios arrolados, apresentemos a tabela em (03):

(03)

Formativo/critério - <i>-ódromo</i>	AFIXO	RADICAL
(3.1.1) POSIÇÃO	+	
(3.1.2) BOUNDEDNESS	+	
(3.1.3) RELAÇÃO PROSÓDIA-MORFOLOGIA	+	
(3.1.4) ESTABILIDADE FUNCIONAL	+	
(3.1.5) APLICABILIDADE	+	
(3.1.6) DENSIDADE SEMÂNTICA	+	
(3.1.7) PREVISIBILIDADE SEMÂNTICA	+	
(3.1.8) SELEÇÃO CATEGORIAL/SEMÂNTICA + COMBINABILIDADE	+	
(3.1.9) REGRAS DE REDUÇÃO DE COORDENAÇÃO	+	

3.2 APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE KASTOVSKY (2009) (DIFERENCIAÇÃO ENTRE RAÍZES E AFIXOS)

Além dos parâmetros enumerados por Gonçalves & Andrade (2012), os critérios adotados por Kastovsky (2009), com base em Préié (2008), também colaboram para demonstrar a migração por que passa o formativo *-dromo* no português brasileiro. Deve-se levar em consideração que a análise dos parâmetros de Kastovsky já foi realizada por Gonçalves (2011b); dessa forma,

adaptaremos tal estudo à partícula em questão, visando a ratificar a modificação no que concerne ao estatuto morfológico de *-ódromo*.

Os critérios são elencados em (04):

(04) (1). Expansão de inventários, (2). Forma distinta, (3). Restrições de ocorrência, (4 e 5). Função sintática + Relação cabeça-modificador, (6). Natureza do significado, (7). Padrão morfossemântico, (8). Produtividade.

3.2.1 EXPANSÃO DE INVENTÁRIOS

Pelo critério **expansão de inventários**, afirma-se que, “afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos raramente são admitidos; formas combinatórias, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos” (GONÇALVES, 2011b: 25). Gonçalves (2011b) questiona tal critério, uma vez que:

(i) cria precedente, ao empregar o advérbio ‘relativamente’; e, sobretudo, (ii) pode ser refutado por evidências históricas encontradas em várias línguas, uma vez que a categoria afixo pode ter seu inventário expandido, seja por empréstimos ou por mudança em itens lexicais independentes, como documentado, por exemplo, em Joseph (1998).

Ao levarmos em consideração tal critério, podemos notar como uma possibilidade de expansão no inventário o já mencionado afixo *-mente*, que se trata de um sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos (ALVES, 1987). Em latim, o mesmo era substantivo e constituía as formações em composição;

quando passou a se adjungir a adjetivos, como os casos de *velozmente* e *frequentemente*, perde a noção de substantivo e de elemento composicional e passa a funcionar como derivacional, um sufixo formador de advérbios. De fato, no nosso entendimento, processo semelhante passa a acontecer com o formativo *-dromo*. Anteriormente, o mesmo funcionava como elemento de composição, em casos como *axonódromo* e *catádromo*, respectivamente *em que as nervuras terciárias se dispõem paralelamente às secundárias, das quais partem (diz-se de nervação)* e *em que as nervuras ímpares estão localizadas na face inferior e as pares, na superior (diz-se da nervação das frondes de pteridófitas)* (HOUAISS, 2009) e, nos dias de hoje, atua como elemento derivacional, um afixo, casos de *funkódromo* e *caminhódromo*, que são, nessa ordem, *local próprio para bailes Funks Carioca* e *local destinado para caminhadas e passeios de bicicleta para pedestres*. Por este critério, *-ódromo* se apresenta de modo sufixal.

3.2.2 FORMA DISTINTA

Para o critério **forma distinta**, “afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto formas combintórias, dependendo da análise, terminam (‘astro’, ‘bio’) ou iniciam num mesmo segmento (‘ólogo’, ‘ólatra’)” (GONÇALVES, 2011b: 26). Novamente, questiona-se tal critério, pois “vários sufixos do português se iniciam por [i], como são os casos em (05), e seu estatuto de afixo nunca foi questionado” (GONÇALVES, 2011b: 26):

(05)

-ia ('reitoria')	-ismo ('terrorismo')	-ista ('motorista')
-ice ('burrice')	-inho ('copinho')	-íssimo ('belíssimo')
-ico ('calórico')	-ite ('laringite')	-imo ('acréscimo')
-icha ('barbicha')	-isco ('chuveiro')	-iço ('quebradiço')
-izar ('utilizar')	-itar ('saltitar')	-iscar ('mordiscar')

Ao aplicarmos este critério para a partícula *-ódromo*, também entendemos que se trata de um sufixo. Gonçalves (2011b) demonstra que, em geral, há a existência de uma vogal de ligação nos compostos neoclássicos. O autor afirma que:

“de um modo geral, considera-se que compostos neoclássicos apresentam vogal de ligação entre seus constituintes (Scalise, 1984; Fabb, 1998; Bauer, 1998). A vogal -i- está relacionada às formas oriundas do latim, como ‘fungicida’ e ‘herbívoro’, e a vogal -o-, às formas provenientes do grego, como ‘cosmonauta’ e ‘biblioteca’. Em uma fronteira morfológica do tipo/ ... C_F+C_I ... /, em que C representa consoante e F e I, final e inicial, nessa ordem, é sistemática a presença de uma vogal, considerada, pela maior parte dos estudiosos (Kehdi, 1989; Sandamann, 1989; Laroca, 1994), uma espécie de “cola morfológica” entre as duas bases”.

Devemos, no entanto, levar em conta que tais fatos remetem à composição neoclássica. Já para um estudo pormenorizado no português contemporâneo, as análises se modificam. Desse modo, adaptemos tal análise não só para os estudos mais atuais no português como para o formativo em questão.

Sendo um elemento de 2ª posição, o formativo *-dromo* apresenta uma vogal que antecede a formação, como são os casos de *camelódromo* e *sambódromo*. Tal vogal, todavia, não seria visto como de ligação, em decorrência de (a) se formar uma única palavra prosódica, transformando o produto em uma palavra proparoxítona e (b) quando da anexação de *-dromo* a

bases que terminam com vogal diferente de -o-, a formação resultante igualmente contém uma média posterior aberta. Para nós, no entanto, o principal argumento contra a análise dessa vogal como elemento de ligação é a sistemática presença de /z/, consoante de ligação produtiva no português contemporâneo, em palavras atemáticas. O fato de esse [ɔ] também aparecer iniciando outros elementos, a exemplo de -latra e -logo, de modo algum inviabiliza a análise, uma vez que, como vimos em (05), vários sufixos se iniciam em [i] e o estatuto da vogal inicial, recorrente, jamais foi posto em xeque.

Desse modo, o critério **forma distinta** também aponta para uma mudança morfológica do formativo *-ódromo*.

3.2.3 RESTRIÇÕES DE CO-OCORRÊNCIA

No critério **restrições de co-ocorrência**, considera-se “que tipo de constituinte morfológico se combina com o elemento em análise” (GONÇALVES, 2011b: 26). Ao ponderamos tal parâmetro, tendemos a classificar *-ódromo* como elemento derivacional, em decorrência de, como afirma Gonçalves (2011b), sufixos ditos legítimos adjungem-se (a) tanto a formas com livre-curso na língua (‘impostômetro’, ‘sapatólatra’, ‘faringite’, ‘preguicite’) (GONÇALVES, 2011b: 26) (b) quanto a radicais presos (‘cronômetro’, ‘termômetro’, ‘bursite’, ‘otite’) (GONÇALVES, 2011b: 26).

Para o primeiro caso – formas com livre-curso na língua – observamos formações como *caródromo* e *feiródromo*, que seriam, respectivamente, *local em que se encontram as fotos individuais da turma em uma única imagem e*

local em que se encontram diversos boxes, formando uma feira, destinada para o consumo de produtos de gêneros variados, como alimentícios, eletrônicos e outros. Por sua vez, sobre os radicais presos, notamos formações do tipo canódromo, que seria um local destinado para corrida de cães, e tauródromo, local, praça de touros.

Sendo assim, o formativo, uma vez mais, assemelha-se a um sufixo e não a um radical.

3.2.4 FUNÇÃO SINTÁTICA + RELAÇÃO CABEÇA-MODIFICADOR

Os critérios **função sintática** e **relação cabeça-modificador**, “referem ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo (cabeça / *determinatum*) e subordinado (modificador / determinante)” (GONÇALVES, 2011b: 26). O autor já aponta que alguns elementos como *-logo*, *-grafo*, *-metro*, *-latra*, incluindo *-dromo*, “são cabeças lexicais das construções de participam, pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso, interpretados como sufixos” (GONÇALVES, 2011b: 26). Assim como Gonçalves, também acreditamos que *-ódromo* estabelece a função sintática da construção, por ser a cabeça lexical.

Sobre a função sintática e sobre o núcleo da formação, pelo *corpus* levantado até agora, percebemos que as formações *X-ódromo* são sempre um **substantivo**, independentemente das bases a que adjungem; portanto, *-ódromo* determina a categoria lexical do produto. Em outras palavras, ao se anexar a um substantivo, a um adjetivo ou a uma base verbal, o produto é o mesmo – substantivo –, haja vista que se trata de uma localidade, de um lugar.

Como exemplos, temos *curiódromo*, *babacódromo* e *cagódromo* que, nessa ordem, referem-se a *local onde se encontram diversos pássaros da espécie curió*, *local onde sem encontram diversas pessoas sem conteúdo ou interesse; irrelevantes e/ou superficiais – pejorativamente, “babacas”* – e *local destinado para expelir fezes; defecar*. Nos exemplos anteriores, notamos a existência de três tipos diferentes de classificação sintática das palavras-base: substantivo, adjetivo e verbo; entretanto, quando da anexação de *-ódromo*, as construções tiveram como resultado uma única classe gramatical: **substantivo**, indo ao encontro da noção de que os sufixos determinam a categoria lexical do produto. Além disso, *-ódromo* também categoriza todas as palavras como masculinas, sendo, portanto, cabeça morfológica.

Levando-se em consideração tais critérios, *-ódromo* se apresenta como um sufixo e não como um radical.

3.2.5 NATUREZA DO SIGNIFICADO

O critério “natureza do significado” possibilita observar a densidade semântica dos elementos morfológicos: afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto radicais, segundo Préié (2008: 322), são “semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados”. Ralli (2008) também se vale desse parâmetro para confirmar a natureza não-afixal de constituintes como *-dromo* no grego moderno. Para ela, tais formas portam um significado lexical, que caracteriza raízes / lexemas, mas não afixos: “afixos expressam valores categoriais ou relacionais, manifestam noções temporais,

espaciais, qualitativas e agentividade, restringindo o tipo de bases a que são adicionados e determinam o tipo de significado da palavra derivada. Em contraste, “lexemas expressam um conceito autônomo denotativo” (Iacobini, *op. cit.*: 75). O atual significado do elemento analisado – lugar – é geral o suficiente para se aplicar em larga escala e é compatível com o significado de vários outros sufixos da língua, como *-eiro* (cinzeiro, bueiro) e *-ário* (ranário, bicicletário). Desse modo, não é tão denso quanto o de partículas como *eco-* (que significa ecologia) e *petro-* (petróleo), o que o faz parecer um sufixo também por esse critério.

3.2.6 PADRÃO MORFOSSEMÂNTICO

No que diz respeito ao critério **padrão morfossemântico**, Gonçalves (2011b: 27) afirma que “envolve a padronização automática, recorrente e modelada de palavras derivadas, enquanto formações combinatórias podem variar em estrutura, como os compostos”. Ao estabelecer as diferenças, Préié (2008) menciona a possibilidade de algumas formas combinatórias serem fixas e, em decorrência disso, criar determinados padrões morfossintáticos que se assemelham aos da derivação. Ao adotarmos tal assertiva para *-ódromo*, percebemos que o formativo apresenta características da derivação. Dentre algumas delas, observamos que se apresenta em uma das bordas da construção – no caso, sempre à direita, o que o caracteriza como sufixo – como é o caso de *chimarródromo*, cuja denominação seria a de um *local em que se encontram equipamentos destinados ao fornecimento de água aquecida para colocar no chimarrão*. Além disso, constitui forma presa, ou seja, (a) não

tem livre curso na língua e (b) não possui autonomia discursiva (RONDININI, 2004). Comprovamos essa afirmação com *copódromo*, que seria um *local com ambiente tradicional de bar, onde seria montado um galpão exclusivo para atender os torcedores, que, por meio de pacotes fechados, assistiriam aos jogos da copa.*

Sendo assim, em decorrência de se enquadrar em todos os parâmetros que se equiparam aos da derivação, *-ódromo* se apresenta como um sufixo, ratificando, pois, a modificação de seu estatuto morfológico.

3.2.7 PRODUTIVIDADE

O último critério adotado – **produtividade** – menciona que afixos “formam palavras em série no português brasileiro” (GONÇALVES, 2011b: 28). Em termos gerais, a produção lexical com radicais é menor do que a com afixos. Notamos que a partícula em questão está em consonância a essa assertiva, haja vista que a produção lexical analisada como elemento composicional é menor do que como derivacional. Levando-se em consideração o *corpus* levantado até agora, o número de construções feitas com *-ódromo* é maior do que com *-dromo*. Das 112 formações registradas, aproximadamente 35 se formam com *-dromo*; por outro lado, mais de 75 são constituídas com *-ódromo*. Dessa maneira, evidencia-se mais uma característica que ratifica a mudança morfológica por que passa o formativo no português brasileiro; em vez de se manter como um elemento composicional, passa a se comportar como elemento de derivação; deixa de ser radical e passa a afixo – mais especificamente, um sufixo.

Tendo em vista os 8 critérios estabelecidos por Kastovsky (2009), analisados por Gonçalves (2011b), podemos notar, assim como já visto nos parâmetros empíricos propostos por Gonçalves & Andrade (2012), a mudança no que diz respeito ao estatuto morfológico do formativo *-ódromo*. Buscando uma melhor visualização dos parâmetro elencados, apresentemos a tabela em (06):

Formativo/critério - -ódromo	AFIXO	RADICAL
(3.2.1) EXPANSÃO DE INVENTÁRIOS	+	
(3.2.2) FORMA DISTINTA	+	
(3.2.3) RESTRIÇÕES DE CO-OCORRÊNCIA	+	
(3.2.4) FUNÇÃO SINTÁTICA+RELAÇÃO CABEÇA-MODIFICADOR	+	
(3.2.5) NATUREZA DO SIGNIFICADO	+	
(3.2.6) PADRÃO MORFOSSEMÂNTICO	+	
(3.2.7) PRODUTIVIDADE	+	

Acreditamos que tal transformação vai ao encontro da ideia de que os elementos, ao longo do tempo, podem ter seu estatuto modificado (BAUER, 2005; JOSEPH, 1998 e GONÇALVES, 2011a). Sendo assim, o próximo capítulo se destina à (a) apresentação do arcabouço teórico da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2010); (b) demonstração do esquema geral da composição neoclássica e (c) análise propriamente dita de *-ódromo* segundo a

Morfologia Construcional de Booij (2005, 2010), visando a ratificar como tal perspectiva teórica corrobora para uma análise mais bem detalhada e pertinente da partícula em questão.

4. ABORDAGEM CONSTRUCIONAL (BOOIJ, 2005)

Tendo por base a perspectiva teórica da Morfologia Construcional de Geert Booij (2005, 2010), o capítulo em questão busca aplicar a proposta do autor ao formativo em questão. Tal aplicação tem por intuito demonstrar que a análise de *-ódromo* se apresenta mais bem detalhada e adequada quando feita a partir da adoção do modelo de Booij, que analisa mais de perto a relação morfologia-significado. Para isso, dividimos o capítulo em (a) apresentação do modelo, (b) demonstração do esquema geral da composição neoclássica e (c) aplicação da modelo às construções em exame.

4.1 APRESENTAÇÃO DO MODELO

Acerca da Morfologia Construcional de Geert Booij, devemos levar em consideração as motivações para o estabelecimento dessa nova forma de se fazer morfologia. Em primeiro lugar, a motivação para a teoria vem das fronteiras internas da morfologia, por entender o autor que “o propósito inicial de uma boa classificação é permitir ao linguista estabelecer as melhores generalizações possíveis sobre o fenômeno linguístico” (BOOIJ, 2005: 109). A partir dessa proposição inicial, o autor enumera três casos de demarcações que estão sendo investigadas na literatura morfológica atual: (a) os limites entre compostos e construções sintáticas, (b) a distinção entre flexão e derivação e (c) a diferenciação entre composição e derivação.

Booij ressalta que os dois primeiros seriam mais destacados dentro dos estudos morfológicos, enquanto o terceiro, apesar de menos proeminente, já vem sendo objeto de discussão, por exemplo, em Bauer (1983: 36-38) e em Ten Hacken (2000), sendo o foco de sua análise. Assim como o autor faz, o presente trabalho também será baseado no terceiro aspecto. Discutir os limites entre a composição e a derivação está em consonância direta com a análise do formativo *-dromo*, considerando que essa unidade é vista como afixo por uns e radical por outros.

Tendo como base um critério mais tradicional sobre as definições de composição e derivação, Booij menciona que “o primeiro consiste na combinação de duas ou mais bases; enquanto a derivação é caracterizada pela adição de um afixo, isto é, um morfema preso, a uma base” (BOOIJ, 2005: 109). Ao apresentar essas considerações, ressalta que esse tipo de análise destaca as similaridades entre ambos sem, no entanto, serem suficientes para que a demarcação seja resolvida por meio da unificação desses dois tipos de formação de palavras. Ainda destaca que se devem estabelecer critérios para determinar se um formativo em particular pode ser considerado preso ou livre, assim como saber se essa diferença está relacionada a outros critérios, semânticos e fonológicos, e como essas distinções são analisadas.

Assumindo uma postura ligada à Linguística Cognitiva⁵, de que léxico e sintaxe não possuem uma separação estritamente rígida (CROFT & CRUSE, 2004:278), e adaptando a abordagem construcionista de autores como Goldberg (1995), Booij entende ser possível apresentar uma semelhança

⁵ Segundo FERREIRA (2010), trata-se de um “modelo empenhado em descrever a linguagem como meio de conceptualizar a realidade e refletir sobre essa conceptualização a partir de construções básicas da língua e processos de referenciação, sendo, portanto, capaz de esclarecer questões referentes a toda e qualquer formação motivada e recorrente”.

estrutural entre composição e derivação, de forma que ambas pudessem ser representadas por esquemas de formação de palavras que expressassem generalizações sobre palavras existentes e serem usados para representar novas formações. Com isso, demonstra que, por mais que haja dificuldades no que diz respeito à demarcação fronteira entre composição e derivação, ambas possuem a capacidade de apresentar estruturas simbólicas convencionais em que as diferenças não seriam consideráveis. Em outras palavras: “essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas, em suas estruturas de formação, por meio de esquemas construcionais” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2012:110). Os esquemas trazidos pelo autor são referentes ao holandês. Ao se fazer a adaptação desses esquemas para o português, por Gonçalves & Almeida (2012), podemos notar que as três operações envolvidas na formação de palavras – a saber, composição, sufixação e prefixação – seriam representadas genericamente da seguinte maneira:

(07) (a) composição: [[X]_x [Y]_y]_s

(b) sufixação: [[X]_x [Y]]_s

(c) prefixação: [X [Y]_y]_s

No esquema acima, as variáveis X e Y seriam representativas de sequências fonológicas; já x e y, minúsculas, seriam representativas de categorias lexicais, como adjetivo, advérbio, verbo, dentre outros. Acerca de cada projeção, em (a) teríamos a generalização do esquema composicional em que, muito embora possa apresentar diferenças no que diz respeito à categoria

lexical das bases, o resultado será um substantivo⁶. Como forma de ilustrar a representação do esquema da composição, citemos alguns exemplos:

substantivo + substantivo – [[manga]_s [rosa]_s]_s / **substantivo + adjetivo** – [[criado]_s [mudo]_{adj.}]_s

adjetivo + substantivo – [[alto]_{adj.} [forno]_s]_s / **numeral + substantivo** – [[mil]_{num} [folhas]_s]_s

pronome + substantivo – [[nossa]_{pron.} [amizade]_s]_s / **verbo + substantivo** – [[beija]_v [flor]_s]_s

verbo + verbo – [[corre]_v [corre]_v]_s / **advérbio + adjetivo** – [[mal]_{adv.} [educado]_{adj.}]_s

Ao observarmos as representações acima, independentemente dos *inputs* categoriais que se apresentem, os *outputs* serão sempre substantivos.

Por sua vez, a representação em (b) é concernente ao molde da sufixação. Ao vislumbrarmos o elemento mais à direita - [Y] –, notamos que se trata de um elemento preso que carrega a informação sintática da construção. Dito de outra maneira, esse elemento se apresenta como cabeça categorial, em função de determinar a classe gramatical do produto. Eis alguns exemplos:

Substantivos → Substantivos / **Adjetivo → Substantivo**

–*ada* → boiada, papelada / –*ice* → tolice, velhice

–*eiro(a)* → barbeiro, copeira / –(*i*)*tude* → altitude, magnitude

Substantivo → Adjetivo / **Verbo → Substantivo**

–*engo* → mulherengo, solarengo / –*ança* → lembrança

⁶ Exceção a quando, em sua constituição, houver dois adjetivos, formando um *output* adjetival, que, por ser em menor número, não invalida a representação mais comum

–esco → dantesco, burlesco / –mento → vingança

Substantivo, Adjetivo → substantivo / Adjetivo → Advérbio

–ismo → calvinismo, heroísmo / –mente → bondosamente, fracamente

Ao analisarmos os exemplos citados acima, podemos perceber que, mesmo havendo diferenças nas categorias lexicais – substantivo, adjetivo, advérbio e verbo –, os sufixos mencionados portam a informação sintática e constituem cabeça categorial, em decorrência de determinarem a classe gramatical e o gênero do *output*.

Por último, em (c), temos a concepção genérica do esquema da prefixação, em que o elemento mais à esquerda – X – se mostra neutro categorialmente. A neutralidade se dá em decorrência de a classe gramatical das palavras prefixadas ser idêntica à da base, como se vê nos seguintes exemplos:

ante– antebraço, antepor

intra– intradorso, intravenoso

contra– contradizer, contrasselar

pre– prefácio, pretônico

des– desviar, desfazer

sobre– sobrepeso, sobrecarga

entre– entreabrir, entrelinha

trans– transpor, transalpino

extra– extraoficial, extraviar

ultra– ultrapassar, ultrassom

Em todos os exemplos, a incorporação do prefixo promove uma modificação no que diz respeito ao significado das palavras; no entanto, a nova formação manterá a classe gramatical da base a que foi anexado o prefixo.

A respeito dos esquemas em (07), Booij afirma: “a diferença entre composição e derivação está no fato de, na derivação, um dos constituintes não ser etiqueta lexical, uma vez que não corresponde a um lexema (2005:13)”. Ao afirmar que, na derivação, um dos constituintes não tem etiqueta lexical, o autor ressalta que a palavra é marcada com um índice subscrito – no caso (i, j) – que promove sua identificação no léxico. Por sua vez, os afixos, em decorrência de serem formas presas, não são indexados, já que se manifestam apenas quando vinculados a uma construção – no caso, a palavra.

Esses esquemas genéricos representam o pareamento do polo significante com o polo significado. Tendo em vista que essas estruturas modelam conceitos genéricos que permanecem na memória, representam informações. Em outras palavras, significa dizer que, em função de acessarem moldes que estão armazenados nos conhecimentos linguístico e enciclopédico, seriam abstrações de experiências do mundo que possibilitam depreender generalizações. Assim, passam a representar o pareamento de uma estrutura formal com uma estrutura semântica.

Fundamentado na ideia de que, por intermédio da abordagem construcional, haveria um tratamento mais adequado na relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, os esquemas morfológicos poderiam vir a ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra (cf. GONÇALVES & ALMEIDA, 2013). Com isso, pondera-se que as diversas representações com posição fixa e outra aberta não teriam diferenças significativas entre padrões regulares, expressões idiomáticas e palavras morfológicamente complexas – derivadas ou compostas.

No que diz respeito às representações da prefixação e da sufixação, podemos perceber que em ambos há um elemento fixo, constante – seriam, respectivamente, a primeira e a segunda partes – sem etiqueta lexical, já que não correspondem a uma forma livre na língua. Em decorrência de o presente trabalho ter como base um formativo que aparece na segunda posição e, por isso mesmo, se assemelha a um sufixo, o foco residirá na esquematização da sufixação.

Para a representação da sufixação, tomemos as formações X-mente, assim representada:

Sufixação: [[X] _{adj} [mente]] _{adv} – ‘de maneira X’

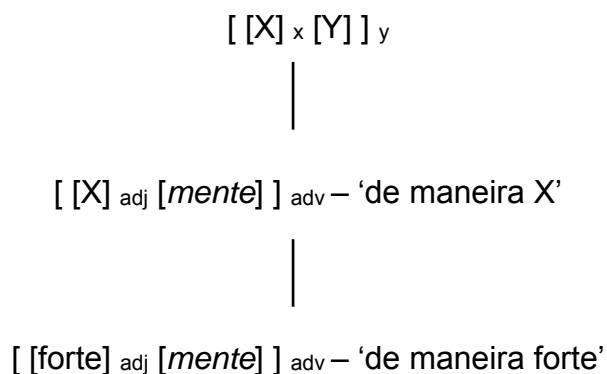
Em se tratando do sufixo *-mente*, que forma advérbios a partir de adjetivos, percebemos que o molde acima corresponde à abstração de palavras como *fortemente*, *bondosamente*, *fielmente*, *regularmente*, *felizmente* e *carinhosamente*. Nesse sentido, podem ser exemplos de construções idiomáticas, como [ESTAR X_vndo]⁷ e [PAGAR X-inho]⁸, no nível da palavra que significariam, genericamente, ‘de maneira X’.

Booij (2005:123) afirma que “a relação entre o esquema abstrato e as instanciações individuais desse esquema pode ser representada em árvores

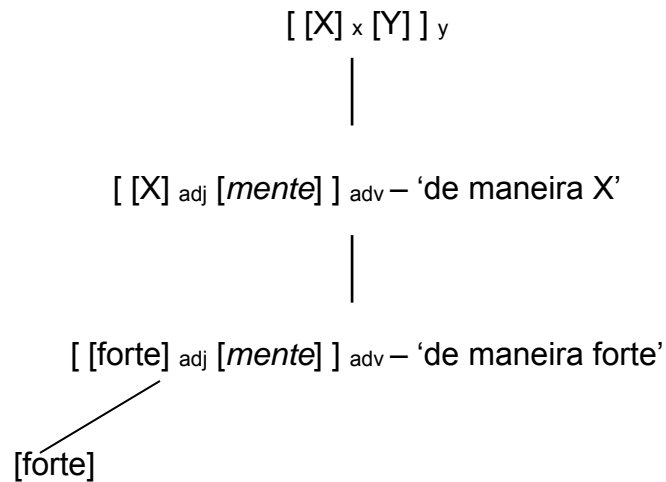
⁷ Nesse esquema, a primeira posição se encontra preenchida: a forma fixa – ESTAR. A outra posição, entretanto, não se encontra preenchida, demonstrando que ela, na construção, é variável. Com isso, é possível perceber uma generalização com diferentes graus de complexidade, com um ‘aspecto permansivo de X’, em que um estado ou processo perdura em seus efeitos, como em “estava fazendo”, “estivemos cantando”.

⁸ A princípio, parece ter derivado da expressão idiomática ‘pagar mico’, que seria, em outros termos, “passar por uma situação vexatória”, “cometer uma gafe” que passa a concentrar em PAGAR a ideia de vexame. Sendo assim, com “pagar” como parte fixa, o mesmo passa a se combinar com a parte móvel – no caso, com o diminutivo X-*inho* – em que teria a noção de ‘vexame de deixar X (parte do corpo) à mostra’. Nos exemplos, como “paguei cofrinho” e “pagou peitinho”, há a demonstração de uma parte corporal que, a princípio, seria privativa e que, quando exposta, traz algum tipo de constrangimento à pessoa

em que o esquema construcional simboliza o nó dominante. Palavras individuais formam o nó mais baixo das árvores que herda as propriedades dos nós pelos quais é dominado”. Fundamentados nessa assertiva, apresentemos a relação entre os nós de árvores a partir do sufixo destacado:



A partir da formalização acima, podemos perceber que os nós mais baixos herdam propriedades dos nós dominantes e essas propriedades herdadas contam como informações redundantes nos nós mais baixos. As construções *X-mente* acabam instanciando a representação mais abstrata da sufixação – $[[X] \times [Y]]_y$ – em que o elemento mais à direita seria um afixo, uma vez que não constitui forma de livre curso na língua. Já *fortemente* herda não só as características do nó imediatamente dominante, na semântica de advérbio formado a partir de adjetivos, como também herda propriedades de sua base, no caso o lexema nominal *forte*, que é uma parte ramificada da árvore.

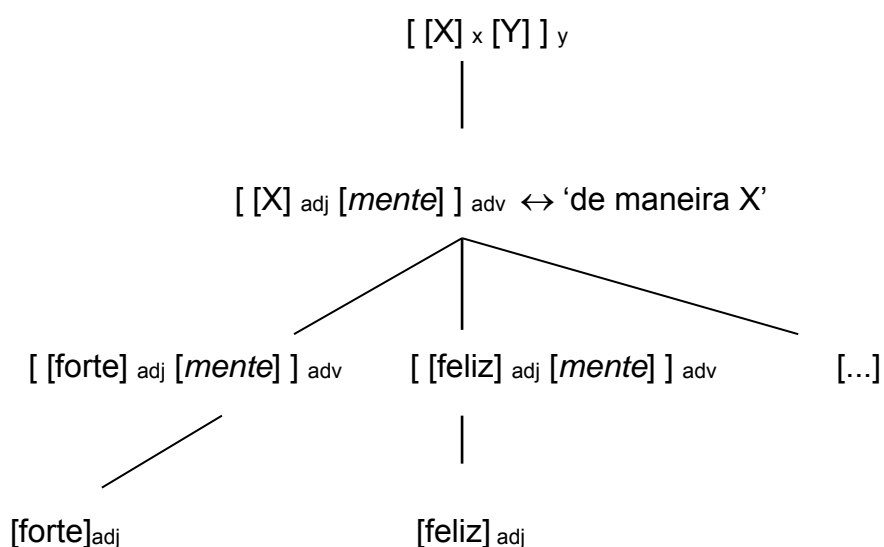


Tendo em vista que os nós mais baixos herdam propriedades dos nós dominantes, na segunda linha dessa árvore há a generalização e o significado dos adjetivos que se transformam em advérbios com o acréscimo do sufixo – *mente*. Nesse sentido, essas novas formações podem ser realizadas com o que Booij (2010) denomina “unificação” e Gonçalves & Almeida (2013) entendem como “compatibilização”. No que diz respeito à “compatibilização”, a ideia seria que “o item combine suas propriedades lexicais com as propriedades semântico–gramaticais da construção” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013: 12). E é justamente o que acontece na segunda linha da árvore, pois há a combinação de propriedades lexicais do adjetivo em questão – forte – com as propriedades semântico–gramaticais da construção em si.

Na Gramática das Construções de Goldberg (1995), a autora entende que herança seria qualquer característica formal ou semântica que se encontre na construção mais básica e que se transfira para as construções subsequentes. Com base nessa autora, Gonçalves & Almeida (2013) percebem a apresentação de quatro tipos de herança que podem ocorrer nas construções morfológicas, estabelecendo, com isso, um diferencial em relação à proposta original de Booij (2010):

- ✓ por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);
- ✓ por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);
- ✓ por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção); e, por fim,
- ✓ por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados).

Nos exemplos destacados, o tipo de herança é **por instanciação**. Isso se dá em decorrência de uma instância detalhar a outra, apresentando mais elementos especificados (BOOIJ, 2010).



Com isso, demonstra-se a possibilidade de formação de construções idiomáticas no nível da palavra, em que o paradigma apresentado permite que

(a) haja um tratamento mais satisfatório e adequado no que diz respeito à relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, (b) se reconheça a construção apresentada, de modo que seja possível identificar as relações implementadas e (c) seja viável a formação de novas palavras a partir da estrutura inicial, pois se trata de uma representação que aborda desde as instanciações mais abstratas até as mais específicas.

4.2 ESQUEMA GERAL DA COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA

Ao analisarmos as construções com o formativo *-dromo* entre os séculos XVII e XIX, podemos perceber que se encaixavam no esquema da composição neoclássica, já que “combinam dois radicais presos (elementos, como os afixos, sem rótulo lexical e indexação)” GONÇALVES & ALMEIDA, 2013: 23). Com base nessa assertiva, o esquema que melhor representava essas construções é o apresentado em (08): dois elementos sem etiqueta lexical levando à formação de um nome, como cronômetro, antropófago e hipódromo.

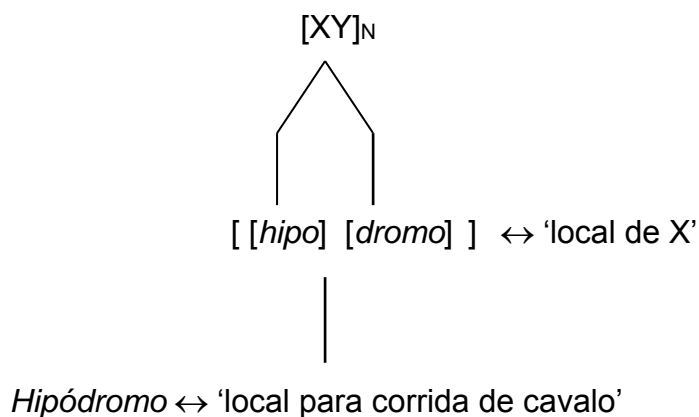
(08)

COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA: [XY]_N

Tomando por base a primeira palavra dicionarizada – *hipódromo* – ela apresenta dois radicais: *hipo-* (antepositivo, do grego *híppos*, ou 'cavalo';) (HOUAISS, 2009) e *-dromo* (pospositivo, do grego *drómos*, ou 'ação de correr, lugar para corrida, corrida') (HOUAISS, 2009). Nessa configuração, o esquema ideal para interpretar o formativo *-dromo* é o da composição com base presa.

Desse modo, notamos que a representação da partícula em questão apresenta a seguinte configuração (09):

(09) **HIPÓDROMO**



Nesse esquema representacional, notamos que:

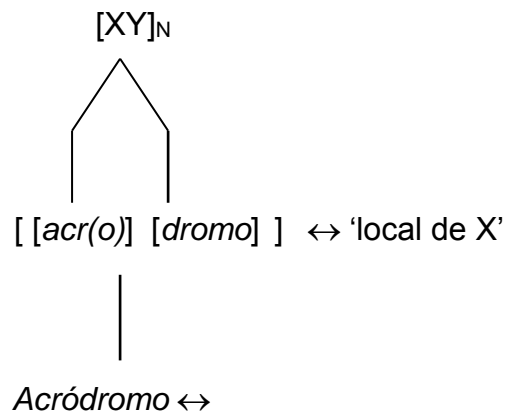
- (a) ambos se comportavam como radicais presos, uma vez que, sem etiqueta lexical, formavam compostos;
- (b) O produto da adjunção entre *hipo* e *dromo* é um substantivo, característica comum a essas formações.

Conforme houve o avanço dos tecnicismos ao longo do século XIX, ou seja, o período referente à nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária, ocorreu a expansão do uso do formativo. Especificamente no caso de *-dromo*, o avanço se deu no domínio da botânica. Com isso, diversas foram as criações, como *acródromo*, *axonódromo*, *campilódromo*, *camptódromo*, dentre

outros. Apesar da expansão de novas formações, o esquema se mantinha: representado a partir da composição neoclássica.

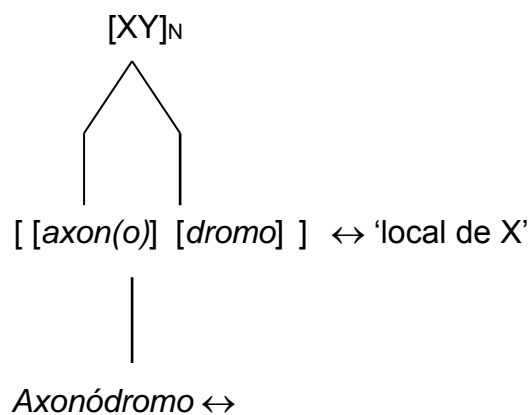
Eis a representação dos quatro vocábulos destacados:

(10) **ACRÓDROMO** – *acr(o)- + -dromo*



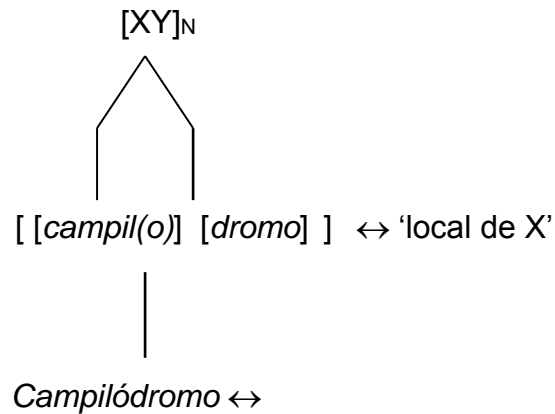
‘Em que duas ou mais nervuras primárias, ou secundárias muito desenvolvidas, partindo da base da folha, se arqueiam e convergem em direção ao ápice (diz-se de nervação)’ (HOUAISS, 2009).

(11) **AXONÓDROMO** – *axon(o)- + -dromo*



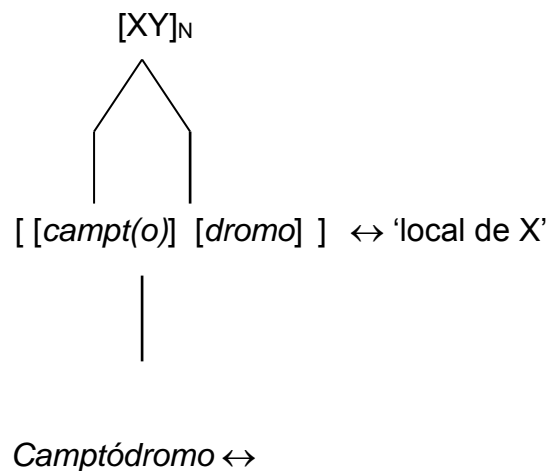
‘Em que as nervuras terciárias se dispõem paralelamente às secundárias, das quais partem (diz-se de nervação)’ (HOUAISS, 2009).

(12) **CAMPILÓDROMO** – *campil(o)- + -dromo*



‘Em que diversas nervuras primárias partem de um único ponto na base da folha, formando arcos acentuados (que ger. acompanham o formato da lâmina) e convergindo em direção ao ápice (diz-se de nervação)’ (HOUAISS, 2009).

(13) **CAMPTÓDROMO** – *campt(o)- + -dromo*



‘Em que as nervuras secundárias são tangentes à margem da folha (diz-se de nervação)’ (HOUAISS, 2009).

Em todas essas representações, verifica-se que:

- (a) Os elementos tanto da esquerda quanto os da direita são bases presas de origem grega (predominantemente) ou latina (mais esporadicamente);
- (b) Ainda que os elementos à esquerda remetam a adjetivos, o produto é um substantivo.

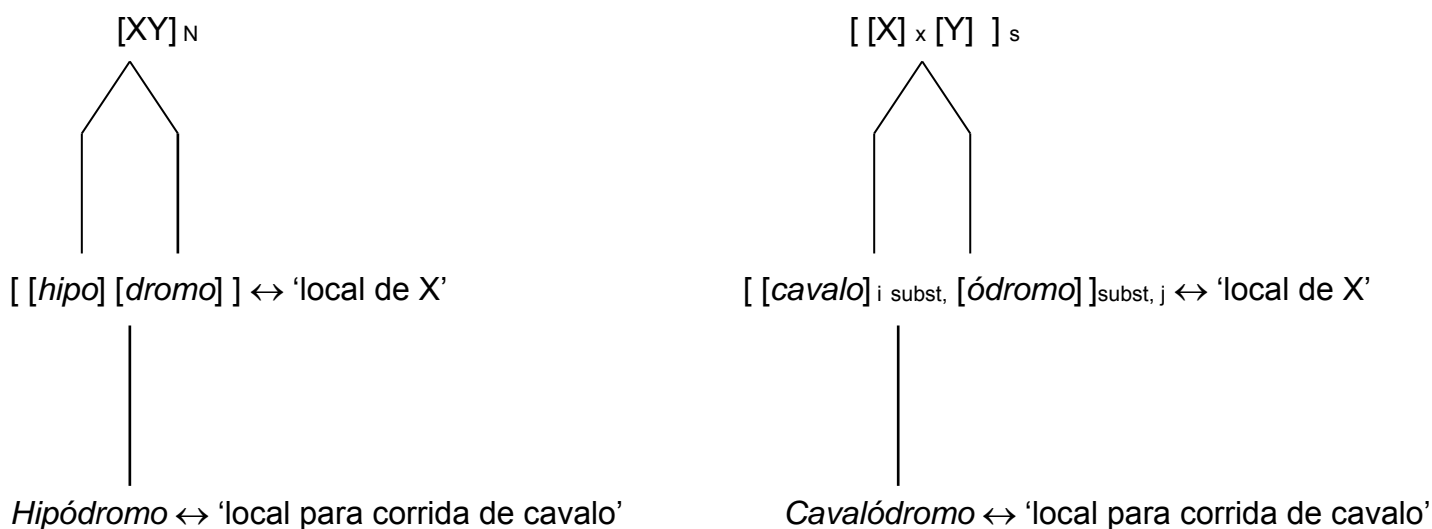
Ao contemplarmos as construções dos séculos XX e XXI, vemos a existência de algumas modificações no que diz respeito às formações *X-dromo*. As construções com a partícula tendem a não ser mais com compostos eruditos. Em outras palavras, de acordo com Gonçalves (2011b) “As novas formações distanciam-se – e muito – dos eruditismos mais antigos e experimentam usos até bastante populares”. Ademais, o autor acrescenta:

“Embora falantes comuns não necessariamente tenham conhecimento etimológico, é evidente, a partir do uso, que a maioria das construções com esses elementos presos⁹ não corresponde a palavras fossilizadas. Nas novas formações, ao contrário, há transparência estrutural e semântica e as condições de isolabilidade dos formativos não poderiam ser melhores. Além disso, os itens lexicais resultantes não têm uso restrito na língua; também são empregados na linguagem cotidiana e fazem parte do vocabulário comum. Pode-se concluir, portanto, que as formações em -dromo, -latra, -metro, -logo e -grafo apresentam vários atributos que nos levariam a rever a posição de que são compostas as palavras com esses constituintes”. (GONÇALVES, 2011b: 28)

⁹ Acerca desses elementos presos, Gonçalves (2011b) faz referência às partículas -dromo, -latra, -metro, -logo e -grafo, alvos de estudo no artigo referido.

Podemos notar tal diferença na primeira palavra dicionarizada em relação a uma formação mais atual: *hipódromo* e *cavalódromo*. No século XVII, a construção era um composto de origem grega com o primeiro elemento – *hipo* – significando “cavalo”; por sua vez, na contemporaneidade, embora com outro significado, observa-se a existência (a) de uma palavra de livre curso na língua e (b) e de uso mais geral na língua, por não constituir um eruditismo – *cavalo*. E é justamente a partir dessa mudança que se percebe a existência de outras modificações; o esquema de ambas, por sua vez, não é o mesmo. Para a primeira formação, a representação é da composição neoclássica; já na construção mais atual, o esquema adotado passa a ser o da sufixação. Tal mudança é perceptível, na medida em que *-dromo*, agora, combina-se com formas disponíveis no léxico (daí o subscrito *i*) e, por isso mesmo, portadoras de informação sintática. Dito de outra maneira, a forma à esquerda porta etiqueta lexical, o que faz a construção resultante se enquadrar no esquema da sufixação. Eis as duas representações em (14):

(14)



A partir desses esquemas, já podemos fazer algumas considerações contrastivas:

- (a) a anexação da vogal média baixa [ɔ] ao formativo *-dromo*;
- (b) no esquema da direita, passa a existir etiqueta lexical no elemento à esquerda do formativo;
- (c) base e produto fazem parte do léxico, o que é representado por (i_i) na base e (j) no produto;
- (d) acerca da diferença entre a composição e a derivação, pondera-se que “está no fato de, na derivação, um dos constituintes não ter etiqueta lexical, uma vez que não corresponde a um lexema (BOOIJ, 2005:122)”;
- (e) No esquema da derivação – mais especificamente a sufixação –, o afixo não é indexado; não vem marcado com um índice subscrito – (i_{ou j}) – pois se manifesta apenas no momento em que está em construção, ou seja, vinculado a uma palavra.

As novas formações realizadas com *-ódromo*, atualmente se encaixam no esquema da sufixação, tal qual acontece com outros radicais neoclássicos.

De acordo com Gonçalves & Almeida (2013: 23-24):

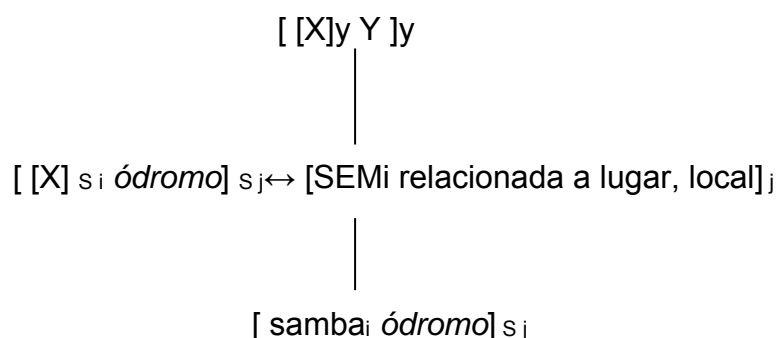
Muitos radicais neoclássicos, no entanto, fixam-se em determinada borda da palavra e, com isso, enquadram-se ou no esquema da prefixação ou da sufixação, por sua posição. Tal é o caso de -teca, que instancia nomes recentes como ‘maridoteca’ (“lugar do Shopping Center em que maridos se reúnem”) e ‘brinquedoteca’ (“lugar do edifício destinado às crianças, por conter brinquedos infantis”).

No nosso entendimento, o mesmo acontece com *-ódromo*, de modo que essas construções refletem a modificação do estatuto morfológico do formativo em questão. A partir da adoção do esquema da sufixação proposto por Booij (2005, 2010), parece-nos bastante à análise de *-ódromo*, visto:

tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase. Assim, a Morfologia Construcional constitui enfoque bem mais integrado para a morfologia. Esquemas morfológicos podem ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra (...) com uma posição fixa (lexicalmente preenchida) e outra aberta(s), representada(s) por variável(is). (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013: 10)

Constatamos tal assertiva ao analisarmos outras palavras derivadas. Tomemos como exemplo o vocábulo que, provavelmente, foi a palavra-gatilho para as construções subseqüentes: *sambódromo*, *local destinado aos desfiles das escolas de samba, composta por uma passarela e uma área de dispersão das agremiações*.

(15)

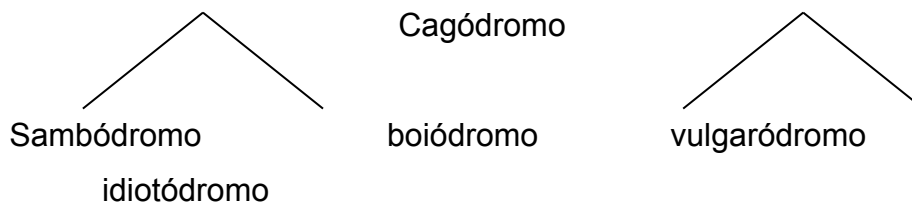


um estudo pormenorizado, detalhado da partícula em questão; (b) proporciona generalizações para as palavras que estão em construção e (c) estipula padrões construcionais, em vez de regras, fato de extrema relevância para uma análise mais bem estruturada e interligada entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico.

4.3 APLICAÇÃO DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

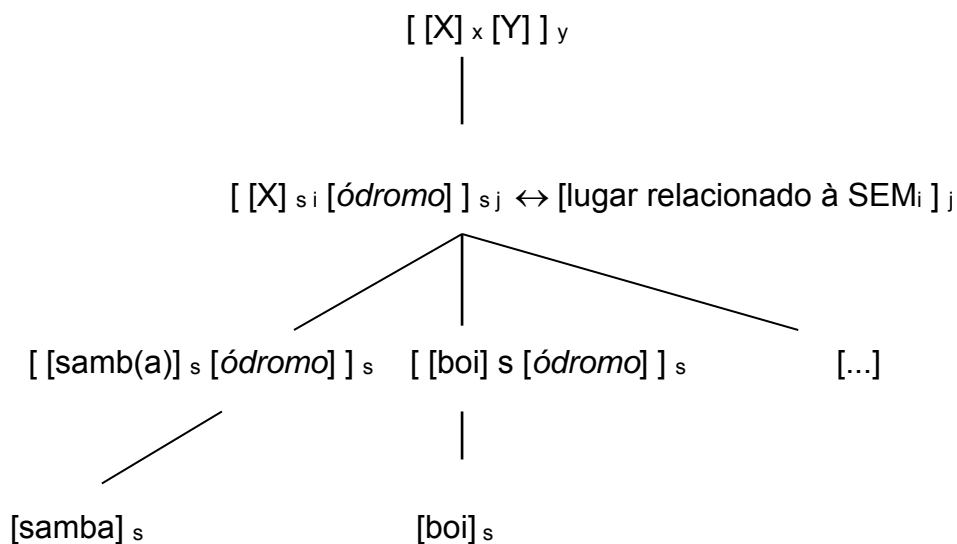
Com o arcabouço teórico da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010), observa-se que o estudo do formativo *-ódromo* é feito de modo mais consistente. Isso decorre em função de ponderar não só a sua utilização na contemporaneidade, como também possibilitar as mais variadas instanciações que, por sua vez, colaborariam para a representatividade do modelo e a possibilidade de novas formações.

Dentro de um contexto de criação sistemática de palavras com o formativo no português contemporâneo, vislumbramos a possibilidade na mudança do estatuto morfológico, pois passa a ser mais produtivo utilizar *-ódromo* enquanto sufixo – um neossufixo – em lugar de *-dromo*, visto na tradição como sendo de natureza composicional. Com isso, nota-se que a partícula apresenta produtividade enquanto elemento preso à direita, diferentemente de sua origem – que era uma base livre em grego, migrando de um esquema composicional neoclássico para uma esquematização que se assemelha à sufixação. Ao se comportar como uma forma presa à direita, a partícula se encaixa no modelo de sufixação apresentado por Booij (2005) e adaptado por Gonçalves & Almeida (2012) para o português. Nesse sentido, da



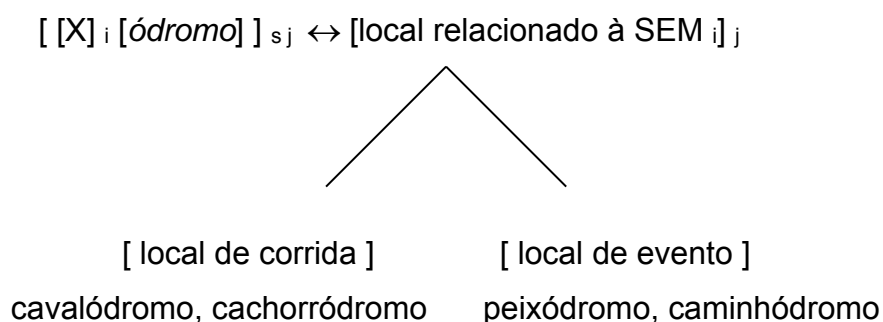
Levando-se em consideração as esquematizações desde o nível mais abstrato até as instanciações individuais, em que os nós mais baixos herdariam propriedades dos nós dominantes e, por isso mesmo, conteriam informações redundantes, as construções *X-ódromo* instanciam o esquema mais abstrato da sufixação. Atendo-se à representação mais recorrente na formação, isto é, tendo como base um substantivo, demonstramos como *sambódromo* e *boiódromo* herdariam as características do nó imediatamente dominante da semântica de lugar, tendo em vista a possibilidade de outras formações serem contempladas em (19):

(19)



No que diz respeito à contraparte semântica, a noção genérica é de 'local relacionado à SEM i', tendo, portanto, uma ampliação no sentido original, que fazia alusão a 'ação de correr, lugar para corrida, corrida' (HOUAISS, 2009). A partir das instanciações individuais, a contraparte semântica nos possibilitaria destacar, para alguns exemplos, as acepções 'local de corrida' e de 'local de evento' em (20):

(20)



A partir dessas noções semânticas, que, dentro da Gramática das Construções, de Goldberg (1995), seriam heranças **por instanciação**, os exemplos acima – *cavalódromo*, *cachorródromo*, *peixódromo* e *caminhódromo* – permitiriam entender que, seja 'local de corrida', seja 'local de evento', a noção genérica de 'lugar' aparece em todos os dados. Como vimos ao longo deste trabalho, a própria expansão do significado em relação ao original ajudaria na percepção da existência de uma modificação no estatuto morfológico do formativo.

Ao levarmos em consideração, especificamente, a acepção 'local de evento', o *corpus* levantado até agora nos permite perceber que há **heranças**

metafóricas e metonímicas em exemplos como *bambódromo*, *porcódrômo* e *peixódromo*. Passemos, então, a uma análise mais aprofundada dessas formações, tendo por base, também, as noções de *frame* e de Modelos Cognitivos Idealizados, também referenciados como MCIs, muito importantes para o exame da contraparte semântica.

Segundo Charles Fillmore *apud* Ferrari (2011), (1975, 1977, 1982 e 1985), *frame* é concebido como um “sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2011: 50). Essa noção é concernente à interpretação das palavras ou de um conjunto de palavras relacionadas às experiências humanas, em que expectativas culturais e bases físicas estão inseridas nessas experiências. A caracterização de *frame* permite às pessoas percepções, lembranças e raciocínios acerca de situações específicas para uma melhor codificação e entendimento da cena – *frame* – em que se inserem.

Já a noção de **MCI**, desenvolvida por George Lakoff (1987), corresponde a uma estrutura que permite organizar nosso pensamento e nosso conhecimento, tendo como consequência a maneira como categorizamos o mundo. A alusão a *modelo* se deve ao fato de atuar como uma representação cognitiva de base cultural armazenada na memória de longo prazo e feita não de maneira individual, mas pelos membros de uma comunidade. Por sua vez, *idealizado* decorre de uma representação simplificada, ou idealizada, da realidade que, motivada por ser uma informação compartilhada pelos falantes, perpetua-se na linguagem. Ainda que similar à noção de *frame*, os modelos cognitivos idealizados são mais complexos e organizados, com disponibilidade

para atualizações, “podendo, inclusive, sofrer alterações a depender de fenômenos socioculturais; o falante pode, portanto, adicionar ou retirar informações do seu MCI” (FURTADO, 2011: 25).

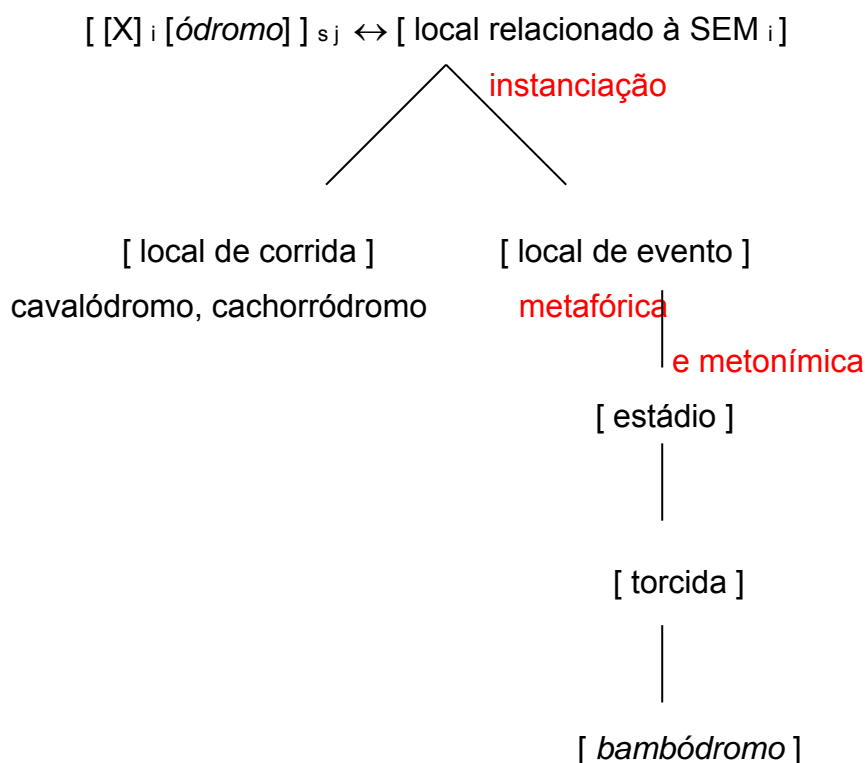
Os exemplos *bambódromo*, *porcódro* e *peixódromo*, sem uma contextualização mais específica, seriam entendidos como um *local que se destina para a prática de corrida de bambis, de porcos e de peixes*, respectivamente. Ponderando-se, todavia, o contexto de onde esses vocábulos foram retirados, a verdadeira intenção foi fazer referência ao ambiente esportivo, mais especificamente o futebolístico.

Para o primeiro – *bambódromo* – há uma alusão pejorativa ao estádio do time do São Paulo F. C., o Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi. O contexto para a criação do termo alusivo ao animal teve a participação da equipe do Sport Club Corinthians Paulista, partindo de um jogador. O volante Vampeta, ao passar por uma sorveteria, avistou dois jogadores do São Paulo, Kaká e Júlio Baptista, e, em um tom jocoso, chamou a dupla de bambi. Alguns dias depois, o jogador do Corinthians voltou a repetir o mesmo termo em uma entrevista coletiva, fato que teve uma repercussão considerável. Daí a origem de *bambi* como sendo uma alusão aos torcedores saopaulinos e, por conseguinte, *bambódromo* para o Morumbi.

Diante dessas considerações, evidencia-se a existência de herança em termos **metafóricos e metonímicos**. A primeira herança se dá em razão de que, em nossa sociedade, *bambi* vem a ser uma designação pejorativa que questiona a masculinidade do homem; dúvida acerca da opção sexual do ser do sexo masculino. Por sua vez, para a motivação metonímica, estabelece-se a

representação da torcida são-paulina pelo animal – *bambi*. Em termos de esquematização, teríamos (21):

(21)



Portanto, a construção morfossemântica do termo em foco perpassa a herança por instanciação, extensão metafórica e metonímica.

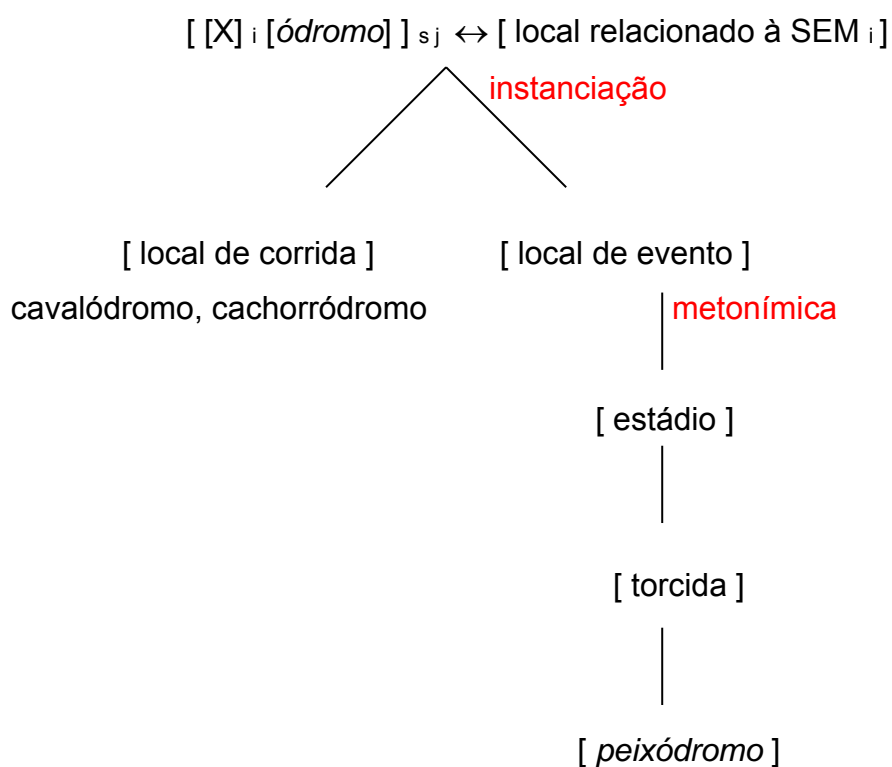
Já nos casos de *porcódro* e *peixódromo*, a herança se dá apenas **por metonímia**. Para ambos os exemplos, levamos em conta que os processos atuantes na formação assemelham-se aos atuantes na palavra *bambódromo*. Sem uma situação comunicativa mais específica, os novos itens lexicais também seriam entendidos como um lugar destinado à corrida de porcos e de peixes. De fato, o significado também é viável. Entretanto, com base nas noções de *frame* e *MCI*, uma vez mais um significado alternativo emerge.

Especificamente para *porcódromo*, seria uma referência ao estádio da equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras, cujos torcedores são conhecidos como *porcos*. Tal denominação se deu em razão de uma divergência entre os Presidentes do Palmeiras e do Corinthians na década de 60. Após o alvinegro – Corinthians – empatar no campeonato paulista com a equipe do São Bento em 1x1, o time retornou à capital e uma tragédia ocorreu com dois de seus principais jogadores: falecimento. Requisitando à FPF – Federação Paulista de Futebol – que ambos fossem substituídos, o presidente corinthiano recebe a notícia de que a substituição só seria possível mediante aprovação unânime de todos os outros presidentes que faziam parte da Federação. Somente um dirigente se posicionou contra a substituição dos jogadores falecidos: o do Palmeiras. A negativa por parte do dirigente fez com que o cartola alvinegro chamasse os palmeirenses de “porcos”. O jogo subsequente do Corinthians era justamente contra a equipe alviverde, circunstância que levou os primeiros a soltarem um porco no gramado do Morumbi provocando um coro uníssono de “porco! porco!” como forma de zombar do adversário. O tom zombeteiro perdurou até o ano de 1986, quando a equipe palmeirense goleou por 5x1 a equipe do Sport Club Corinthians Paulista na semifinal do campeonato paulista. Desde então, faz-se uma referência aos torcedores do Palmeiras como *porcos* e, por conseguinte, *porcódromo* para seu estádio, o Palestra Itália, também popularmente conhecido como Parque Antártica. A curiosidade se dá em função de os próprios torcedores do Palmeiras terem adotado o “mascote” de modo positivo. Tal fato se comprova, inclusive, a partir da criação de uma torcida organizada com a nomenclatura de *pork's*. A esquematização dessa palavra pode ser feita da seguinte maneira em (22):

peixeiros com muito prazer, com muita honra'. Desde então, o apelido foi assumido e a equipe virou o 'time do peixe'.

Ao se levar em consideração que o time é conhecido justamente por essa referência, percebe-se que há a relação em que a totalidade – a torcida – passa a ser designada pelo animal representativo dessa torcida – peixe. Desse modo, o estádio do Santos F. C. passa a ser conhecido por *peixódromo*. A esquematização em (23) dessa referência seria a seguinte:

(23)



Com isso, percebemos que, na contraparte semântica, a ideia de locativo se mantém por herança de instanciação; todavia, há possibilidade de expansão no que diz respeito a esse lugar. Com isso, especificamente para esses três vocábulos – *bambódromo*, *porcódromo* e *peixódromo* – o local de

evento estabelece relações metafóricas e metonímicas que permitem fazer alusão a lugares mais particulares: estádios de futebol.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as considerações feitas, percebemos que *-dromo*, em estudos mais atualizados, passa por uma transformação no que diz respeito ao seu estatuto morfológicos. Em (a) gramáticas tradicionais e (b) dicionários eletrônicos, o formativo em questão é tido, dentro do processo de formação de palavras, como um elemento composicional, sendo, pois, as formas constituídas por ele. Por sua vez, estudos mais atualizados baseados em (a) manuais de morfologia (SANDMANN, 1988; LAROCA, 2005 e BASILIO, 1997; 2010) em (b) teóricos que se dedicaram com atenção ao formativo (GONÇALVES, 2011A e GONÇALVES & ANDRADE, 2012) afirmam que a partícula já não se comporta mais como um radical; agora, apresenta-se como elemento derivacional, sendo um afixo. Ademais, a estrutura do mesmo também se modificou, pois se verifica a incorporação da vogal média-baixa [ɔ], passando a *-ódromo*. Diante do debate sobre a natureza morfológica do formativo, aplicamos critérios empíricos, visando a ratificar a mudança por que passa a partícula. Para tal, utilizamos (a) parâmetros desenvolvidos por Gonçalves & Andrade (2012) e (b) por Kastovsky (2009), este último com base em Préié (2008). A partir da aplicação desses critérios, constatamos que:

(a) *-dromo* não se comporta mais como um radical;

(b) Passa a exibir características gerais de um sufixo, como podemos notar nos quadros apresentados em (03) e (06), confirmando um claro processo de gramaticalização;

(c) Encontra-se em uma das bordas da palavra – na borda direita – sendo, pois, uma forma presa; e

(d) Incorpora a vogal média baixa [ɔ], deixando de ser *-dromo*, reconfigurando-se, agora, como *-ódromo*.

Além das considerações feitas acerca do estatuto morfológico do formativo, com base na Morfologia Construcional, de Geert Booij, observamos que a mesma apresentava-se como um arcabouço teórico apropriado para um estudo mais aprofundado acerca do comportamento do formativo *-ódromo* na contemporaneidade. Sendo assim, verificamos que (a) composição e derivação não são processos claramente distintos e (b) possuem fronteiras maleáveis, fato de suma importância para entender que os processos de formação de palavras podem se modificar ao longo do tempo mediante a mudança categorial do formativo envolvido no processo. Ao se propor um estudo mais reflexivo de *-ódromo* por esse modelo de análise, constatamos que o formativo (a) não se apresenta como uma palavra de livre curso na língua e (b) é mais produtivo quando associado a uma palavra, predominantemente um substantivo. Tais circunstâncias devem ser consideradas para que entendamos as transformações pelas quais o formativo passa(ou).

O modelo adotado também se mostrou importante no que concerne à análise sobre a migração do esquema geral da composição neoclássica para o da sufixação. Ao contemplarmos essa modificação, confirmamos que as formações *X-dromo* eram a combinação de “dois radicais presos (elementos, como os afixos, sem rótulo lexical e indexação)” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013: 23). A partir da aplicação do modelo construcional, mostramos que (a) o

elemento à esquerda passa a ter um rótulo sintático, haja vista que se trata de uma palavra e (b) *-ódromo* passa a se apresentar sem etiqueta lexical, em razão de ser uma forma presa; não se constitui como uma palavra de livre curso na língua.

Por fim, a teoria também se mostra bastante eficiente quando permite o estabelecimento de uma relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico. Ao se estabelecer essa relação mais abrangente, esquemas genéricos representariam o pareamento do polo significante com o polo significado. Com essa estrutura, generalizações são alcançadas de maneira mais natural, permitindo não só o entendimento das formações disponíveis, como também a padronização que possibilita a formação de novas construções.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Ieda. *Neologismo: criação lexical*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007

_____ Aspectos da composição nominal em português.
ALFA – Revista de Linguística, 20 (1): 7-15, 1987.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*.
São Paulo: Lexikon, 2009.

AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Versão
5.0. 3ª ed. Atualizada. 1ª. impressão Editora Positivo. Positivo informática Ltda,
2004.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

_____ *O princípio da analogia na constituição do léxico: regras
são clichês gramaticais*. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora,
vol 1, n.1 – p. 9-21, 1997.

_____. *Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação
de palavras: considerações preliminares*. Em: *Linguística/ Revista do programa
de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*.
Rio de Janeiro: 2005 – Vol. 6, n. 2 (2010) pág. 11-26.

BAUER, Laurie. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. ver. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BOOIJ, Geert. *Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology*. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

_____. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CROFT, W. & CRUISE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Nova Fronteira, 1986. Rio de Janeiro.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARIA, André Luiz. *Motivação morfossemântica das construções compostas N-N do português brasileiro*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, R. G. *Da telepatia ao telejornal: um estudo morfossemântico da Recomposição a partir de Tele*. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011 p. 135-153.

FERREIRA, Rosângela Gomes. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. 2010. Dissertação de mestrado Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GÓIS, Carlos. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Paulo de Azevedo e Cia Ltda, 1945.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. Comunicação apresentada no I Congresso Internacional de Estudos do Léxico. Salvador: UFBA, mimeo, 2011a.

_____. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL*
– *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.

_____. *Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil*. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.

_____. *Estudos em Morfopragmática e Morfologia Diacrônica*. São Paulo: Booklink, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório & ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. *Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias*. 2013.

_____. *Por uma Cybermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenconstituintes em português*. In: MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório & ANDRADE, Kátia Emmerick. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. 2012.

GONÇALVES, C. A. *Prefixação: Composição ou Derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica*. *Matraga*, 30, p. 142-167, jun, 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

HECKLER, Evaldo et al. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-36.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monusuário 3.0. Objetiva, 2009.

IACOBINI, Claudio. *Composizione con elementi neoclassici*. In Grossmann, M. & Rainer, F. (eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95.

KASTOVSKY, Dieter. *Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids*. In: R. W. McConchie et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, pp. 1-13.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. Manual de morfologia do português. 4ª edição, revisada e ampliada, Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, UFJF, 2005.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MEXIAS-SIMON M. L. Neologismos. In: Encontro Nacional com a Filologia, 2001, Rio de Janeiro. Cadernos do CNFL. Rio de Janeiro: UERJ/ CiFEFiL, 2001. v. V. p. 73-80.

MICHAËLLIS, C. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

NEVES, M. H. de M. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P. A. *Os Afixoides eco- e homo- no Processo de Recomposição*. Cadernos do NEMP, Rio de Janeiro, n. 3, p. 69-81, 2012.

OLIVEIRA, Patricia Affonso de. O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homo- no Português Brasileiro. 2014. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. *Por Uma Visão Compreensiva Do Processo De Recomposição*. In: XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia Rio de Janeiro: CiFeFil, 2013. v 17. P. 135-151.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. *O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

PIRES, José Augusto de O. *Morfologia Construcional: aplicação teórica e construção de paradigmas para o formativo -ódromo. Apresentação no II CBM. Rio de Janeiro. UFRJ*, 2013.

PIRES, José Augusto de O. *Morfologia Construcional: Aplicação Teórica e Construção de Paradigmas para o formativo -ódromo. Anais do II Colóquio Brasileiro de Morfologia. Rio de Janeiro, n. 1, p. 139-155. UFRJ*, 2013.

PRÉIÉ, Tvrtko. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, 2008.

RALLI, Angela. *Compounds in Modern Greek. Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

RALLI, A. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals (STUF)*, p. 19-38, 2008.

RONDININI, Roberto B. *Formações X-ólogo e X-ógrafo em português: uma análise derivacional. 2004. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

SANDMANN. A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia & Labor, 1988.

_____. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Novidades do “front” da formação de palavras*. Letras. Curitiba (36) 54-68. UFRP. 1987.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

TEN HACKEN, Paul. Derivation and Compounding. In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Morphologie - Morphology : Ein Handbuch zur Flexion und Wortbildung - A Handbook on Inflection and WordFormation*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, pp. 349-360.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG, 2000.

<http://www.futepoca.com.br/2009/04/palmeiras-virou-porco-ha-40-anos.html>

<http://www.diariosp.com.br/ conteudo/2010/08/4892>

[para+vampeta+apelido+bambi+foi+gol+de+placa.html](http://www.diariosp.com.br/ conteudo/2010/08/4892/para+vampeta+apelido+bambi+foi+gol+de+placa.html)

<http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/por-que-o-santos-e-chamado-de-peixe-e-a-mascote-e-uma>

[orca,0908c4bdea737310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html](http://www.terra.com.br/educacao/voce-sabia/por-que-o-santos-e-chamado-de-peixe-e-a-mascote-e-uma-orca,0908c4bdea737310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html)

Anexo 1: lista de dados X-dromo

X-dromo	Significado, contexto de uso
(01) Acródromo	(1) Que ou o que corre para cima; (2) em que duas ou mais nervuras primárias, ou secundárias muito desenvolvidas, partindo da base da folha, se arqueiam e convergem em direção ao ápice (diz-se de nervação)
(02) Actinódromo	Em que três ou mais nervuras primárias divergem radialmente a partir da região basal da folha (diz-se de nervação)
(03) Aeródromo	(1) espaço delimitado, ger. em terra, provido de relativa infraestrutura para o pouso e decolagem de aeronaves destinadas ao transporte de passageiros ou de cargas diversas; (2) qualquer superfície que possa eventualmente servir para pouso e decolagem de aeronaves.
(04) Anádromo	(1) Que, vivendo no mar, se dirige para o rio na época da desova, ou, que, vivendo em água doce, nada contra a correnteza do rio até a sua cabeceira para a reprodução; (2) em que as nervuras ímpares estão localizadas na face superior e as pares, na inferior (diz-se de nervação das frondes de pteridófitas)
(05) Autódromo	Local destinado a corridas automobilísticas, composto de pistas e instalações diversas (arquibancadas, oficinas de reparos etc.)
(06) Axonódromo	Em que as nervuras terciárias se dispõem paralelamente às secundárias, das quais partem (diz-se de nervação)
(07) Campilódromo	Em que diversas nervuras primárias partem de um único ponto na base da folha, formando arcos acentuados (que

	ger. acompanham o formato da lâmina) e convergindo em direção ao ápice (diz-se de nervação)
(08) Camptódromo	Em que as nervuras secundárias são tangentes à margem da folha (diz-se de nervação)
(09) Catádromo	(1) Que, vivendo em água doce, se dirige para o mar na época da desova; (2) Em que as nervuras ímpares estão localizadas na face inferior e as pares, na superior (diz-se da nervação das frondes de pteridófitas)
(10) Craspedódromo	Em que as nervuras secundárias são secantes em relação à margem da folha (diz-se de nervação)
(11) Hipódromo	Local com pistas próprias para corridas de cavalos e tribunas para o público.
(12) Perídro	Galeria ou espaço coberto em torno de um edifício.
(13) Palíndromo	Diz-se de ou frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa.
(14) Plasmódromo	(1) Relativo aos plasmódromos; (2) Espécime dos plasmódromos; (3) subfilo de seres unicelulares da classe dos mastigóforos, cujas spp. apresentam núcleo de um único tipo e são providas de pseudópodes [Este agrupamento não tem correspondência nas mais recentes classificações do reino protista.]
(15) Pródromo	(1) O que antecede a (algo); precursor, prenúncio, antecedente; (2) Espécie de prefácio; introdução, preâmbulo; (3) Sinal ou sintoma inicial de doença; propatia (ger. us. no plural, reunindo, neste caso, os sinais e sintomas); (4) As primícias de um escritor, os primeiros escritos.

(16) Velódromo	Local destinado a corridas ciclísticas, dotado de pistas, instalações para o público etc.
(17) Antídromo	Que se enrola em direção oposta à normal.
(18) Epídromo	Mastro e vela da popa nos antigos navios romanos.
(19) Filódromo	Aranhas errantes da Europa; apresentam corpo alongado, coberto de pêlos plumosos e o 1.º par de pernas de comprimento igual às do 3.º e do 4.º par.
(20) Homódromo	(1) Dizia-se da alavanca em que a resistência e a potência estavam do mesmo lado relativamente ao ponto de apoio; (2) Diz-se de uma espiral genética, com filotaxia alternada, que tem o mesmo sentido no eixo principal e nos ramos.
(21) Monódromo	Diz-se da função que, quando varia um ponto no interior de certa área, assume sempre o mesmo valor em um mesmo ponto.
(22) Síndromo	Aquilo que concorre; aquilo que acompanha.
(23) Cinódromo	Campo de corridas para cães, especialmente galgos.
(24) Actódromo	Denominação antiga de uma pequena ave caradriiforme, <i>Calidris minuta</i> , do Norte da Europa.
(25) Hifódromo	Diz-se da nervação, quando as nervuras estão mergulhadas na substância da folha, de modo que são pouco perceptíveis.
(26) Ticódromo	Pássaro cinzento e vermelho, de bico longo e fino, que vive nos rochedos das altas montanhas.
(27) Canódromo	Local para corrida de cães.
(28) Amódromo	Pássaro conirrostro, que vive em ilhotas, nas costas do Oceano Atlântico.
(29) Mirmecódromo	Designativo da planta que tem cavidades que servem de abrigo às formigas.

(30) Hemeródromo	(1) Entre os antigos, espécie de batedor que espreitava de dia o campo inimigo; (2) Correio dos magistrados e chefes militares gregos.
(31) Tauródromo	Praça de touros; redondel.
(32) Fumódromo	(1) Área destinada exclusivamente ao uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumífero, derivado ou não do tabaco, devidamente isolada e com arejamento conveniente; (2) Local onde as pessoas se reúnem para poderem fumar, geralmente cigarros provenientes do tabaco (legalizados).
(33) Gudódromo	Local destinado para a prática de jogar bola de gude.
(34) Beijódromo	Lugar destinado para a prática do beijo; lugar para beijar.
(35) Masturbódromo	Local para prática da masturbação.
(36) Namoródromo	Local destinado para namoros.
(37) Boiódromo	Centro de eventos onde se realizam rodeios de bois.
(38) Piscinódromo	Local onde se encontram várias piscinas.
(39) Barródromo	Local que destina à prática de eventos automobilísticos, em que a pista é composta por barro.
(40) Caródromo	Lugar onde ficam as fotos individuais de uma turma em uma única imagem.
(41) Frutódromo	Referência pejorativa ao estádio Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi, onde joga a equipe do São Paulo Futebol Clube., cujos torcedores são denominados “frutas”.
(42) Viadódromo	Referência depreciativa ao estádio Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi, onde joga a equipe do São Paulo Futebol Clube, cujos torcedores são denominados “viados”.

(43) Sambódromo	Passarela Professor Darcy Ribeiro, popularmente conhecida como <i>sambódromo</i> , seria um local destinado aos desfiles das escolas de samba, composto por uma passarela e uma área de dispersão das agremiações.
(44) Funkódromo	Lugar para a prática do estilo de música funk.
(45) Pagodódromo	Espaço de lazer destinado para a prática do gênero musical pagode.
(46) Porcódromo	(1) Referência metonímica ao estádio Palestra Itália, também conhecido popularmente como Parque Antártica, onde joga equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras, cujos torcedores são conhecidos como porcos; (2) Pista destinada à corrida de porcos.
(47) Feiródromo	Local em que se encontram diversos boxes, formando uma feira, destinada para o consumo de produtos de gêneros variados, como alimentícios, eletrônicos e outros.
(48) Bambódromo	(1) Alusão pejorativa ao estádio do time do São Paulo Futebol Clube., o Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Morumbi, cujos torcedores são conhecidos como “bambis”; (2) Pista destinada à corrida de bambis.
(49) Peixódromo	(1) Local onde são comercializados diversos tipos de pratos culinários com peixe e que tem como objetivo principal a consolidação da atividade do pescado; (2) Pista destinada à corrida de peixes; (3) Alusão metonímica ao estádio Urbano Caldeira, mais conhecido como Vila Belmiro, onde joga equipe do Santos Futebol Clube, cujos torcedores são conhecidos como peixes.

(50) Urubódromo	Local onde reside um depósito irregular de lixo que, por sua vez, acaba por atrair diversos urubus.
(51) Taçódromo	Lugar destinado à permanência da “Taça das bolinhas”, que foi um troféu criado em 1975 para premiar o primeiro clube do Brasil a vencer o Campeonato Brasileiro de futebol três vezes seguidas ou cinco vezes alternadamente.
(52) Parcódromo	Parque urbano construído para ser ecologicamente correto, que é destinado à prática de desportos radicais.
(53) Paizódromo	Ginásio que se destina ao encontro de diversos pais com seus respectivos filhos para o divertimento e para a descontração.
(54) Caminhódromo	Local destinado para caminhadas e passeios de bicicleta para pedestres.
(55) Pescódromo	Local espaçoso e confortável destinado para a pesca de tarrafa, linha ou caniço, e conta com mureta de proteção em todo seu entorno, chuveiro e pia à disposição dos pescadores, assim como uma churrasqueira e dois banheiros no caminho.
(56) Pintódromo	Galeria destinada à exposição artística de Zé Pinto, em espaços ao ar livre, onde funciona a vitrine de obras feitas a partir de ferro-velho, que transforma em arte alumínio amassado, pregos envergados, mola disforme.
(57) Alcoódromo	Lugar destinado para a cura de ressacas provenientes de mal-estar causado pela ingestão de bebidas alcoólicas.
(58) Mamódromo	Locais que se encontram em shoppings no Rio e em São Paulo reservados para quem está amamentando o bebê.
(59) Musicódromo	Lugar destinado para a prática de se escutar música.

(60) Papódromo	Espécie de palco a céu aberto, que contém vidros blindados, visando à proteção de João Paulo II de possíveis atentados, erguido para uma missa, que se encontra na capital alagoana, diante da Lagoa Mundaú.
(61) Bodódromo	Complexo gastronômico de degustação da carne de bode, em que existem diversas barracas especializadas em servir a carne de bode e carneiro, na Avenida São Francisco.
(62) Caixódromo	Lugar em que se encontram todos os elementos da tabela periódica.
(63) Elefantódromo	Local em que se encontram diversos elefantes.
(64) Bobódromo	Denominação dada a uma avenida situada na cidade de Limeira, interior de São Paulo, em que há a concentração de bobos.
(65) Urinódromo	Muro de azulejo, com água e algum tipo de detergente escorrendo o tempo todo, onde os homens poderiam urinar protegidos por uma tapadeira (espécie de biombo, que deixa à mostra apenas cabeças e pés).
(66) Avacalhódromo	Alusão genérica depreciativa a variados locais que se destinam às práticas políticas, como câmara dos vereadores, câmara municipal, dentre outros.
(67) Ladódromo	Alusão pejorativa ao órgão constitucional que exerce, no âmbito federal, as funções do Poder Legislativo – elaborar/aprovar leis e fiscalizar o Estado Brasileiro (suas duas funções típicas), bem como administrar e julgar (funções atípicas) –, ou seja, ao Congresso Nacional.
(68) Injustiçódromo	Alusão pejorativa ao órgão que é a mais alta instância do poder judiciário brasileiro, a qual

	acumula competências típicas de uma Suprema Corte (tribunal de última instância) e de um Tribunal Constitucional (que julga questões de constitucionalidade independentemente de litígios concretos), isto é, ao Supremo Tribunal Federal.
(69) Ignódromo	Alusão pejorativa ao principal local de trabalho do Presidente do Brasil, ou seja, ao Palácio do Planalto, nome oficial do Palácio dos Despachos da Presidência da República Federativa do Brasil.
(70) Vulgaródromo	Lugar destinado para se falar banalidades; vulgaridades.
(71) Esculhambódromo	Local em que se encontra bagunça, desorganização; alusão metafórica aos locais em que há a decisão de políticas públicas
(72) Babacódromo	Local onde sem encontram diversas pessoas sem conteúdo ou interesse; irrelevantes e/ou superficiais – pejorativamente, “babacas”.
(73) Camisódromo	Loja destinada para a vendagem de uma linha variada de vestuário e acessórios voltados para o público masculino.
(74) Celulódromo	Espaço que seria criado em cada quarteirão para que os motoristas pudessem estacionar gratuitamente para falar ao telefone celular.
(75) Jogódromo	Praça de eventos reservada para a apresentação de bandas dos mais variados gêneros musicais.
(76) Jegódromo	Pista de eventos em Campina Grande reservada para a corrida de jegues, dividida em duas categorias: Campina Grande (para moradores do município) e geral (para qualquer pessoa)
(77) Cavalódromo	(1) Estacionamento destinado para cavalos na cidade de São José do Cerrito, Santa Catarina; (2) Lugar reservado para corrida

	de cavalos.
(78) Geódromo	Simulador de realidade virtual com capacidade para 16 pessoas, que transporta visitantes em uma viagem de 175 milhões de anos, ao tempo em que os dinossauros “desenharam” as suas pegadas na rocha calcária da Serra de Aire, em Portugal.
(79) Gizódromo	Pequeno lugar de uma parede pintado com tinta de lousa.
(80) Curiódromo	Local onde se encontram diversos pássaros da espécie curió.
(81) Camelódromo	(1) Lugar de concentração do comércio popular na cidade do Rio de Janeiro; (2) Lugar que se encontra no Saara Ocidental, em que acontecem provas eliminatórias e corridas de mais de 450 dromedários.
(82) Amoródromo	Lugar para a prática do amor.
(83) Burródromo	Local reservado para a corrida de burros.
(84) Bicicletódromo	(1) Lugar para o estacionamento de bicicletas; (2) Local composto por área urbanizada e com pistas, localizado em Dourados-MS, para que as pessoas pudessem praticar ciclismo.
(85) Motódromo	Pista localizada em Rondônia que se reserva para a prática de corrida com motos.
(86) Cabelódromo	Lugar que se destina à criação de objetos de arte com o elemento corporal cabelo.
(87) Touródromo	(1) Local em que se encontram touros; (2) Lugar destinado à corrida de touros.
(88) Carreiródromo	Local composto por aproximadamente 300 mil metros quadrados, que abriga barracas de roupas, calçados e souvenirs, além de uma boate e que é reservado para a circulação das pessoas.

(89) Cornódromo	(1) Lugar onde as pessoas podem “abrir seu coração” e chorar em decorrência de terem sido vítimas de traição do seu parceiro(a); (2) Lugar no Rio de Janeiro em que se encontram foliões, na sede do bloco, onde se inicia a “oração dos cornos” e, em seguida, vão em direção às ruas para celebrarem e comemorem o carnaval.
(90) Chimarródromo	Local em que se encontram equipamentos destinados ao fornecimento de água aquecida para colocar no chimarrão.
(91) Copódromo	Local com ambiente tradicional de bar, onde seria montado um galpão exclusivo para atender aos torcedores que, por meio de pacotes fechados, assistiriam aos jogos da copa.
(92) Telhódromo	Lugar localizado em Itaboraí e região do estado do Rio de Janeiro, que é destinado para a venda de materiais de construção, como telhas, madeiras, tijolos e pedras.
(93) Surfódromo	Local destinado para a construção de um fundo artificial na praia da Macumba, Rio de Janeiro, que teria a capacidade de alterar o tamanho das ondas – aumentando em até 80% a altura – e a arrebentação, proporcionando melhores formações de ondas.
(94) Celulalódromo	Local feito de madeira que tem por objetivo guardar celulares.
(95) Sapatódromo	Referência pejorativa ao lugar destinado às mulheres que sentem atração sexual e/ou mantêm relação amorosa e/ou sexual com outras mulheres
(96) Bumbódromo	Centro Cultural e Esportivo do Amazonas, com capacidade para 35 mil espectadores, que se destina para a realização da festa de Parintins, marcando o limite dos currais de Garantido e Caprichoso.

(97) Gatódromo	(1) Lugar reservado para dar carinho a gatos; (2) Lugar destinado à corrida de gatos.
(98) Cachorródromo	(1) Local onde se encontram diversas raças de cães; (2) lugar destinado à corrida de cachorros.
(99) Telefonódromo	Espaço destinado para a criação de telefones nos aviões, a fim de evitar o uso excessivo de telefones celulares a bordo.
(100) Fotódromo	Lugar reservado para tirar fotos
(101) Loucódromo	Local em que se encontram aqueles cujos atos e palavras soam desarrazoadas, popularmente conhecido como "louco".
(102) Cafezódromo	Lugar localizado próximo à Usina Hidrelétrica Santo Antonio, em Porto Velho, Rondônia, onde se encontram gêneros alimentícios e/ou bebidas para se tomar café da manhã, como pão francês e café.
(103) Reclamódromo	Local reservado para opor-se por meio de palavras; fazer reclamações sobre variados assuntos, como política, economia, campo pessoal, dentre outros.
(104) Baboseiródromo	Referência pejorativa ao lugar em que são ditas palavras irrelevantes e/ou bobagens, popularmente conhecidas como "baboseiras".
(105) Cagódromo	Local destinado para expelir fezes; defecar.
(106) Urubuzódromo	Referência metonímica ao estádio José Bastos Padilha, popularmente conhecido como estádio da Gávea, onde joga o Clube de Regatas do Flamengo, cujos torcedores são conhecidos como urubus.
(107) Bacalhódromo	Referência metonímica ao estádio Vasco da Gama, mais conhecido como São Januário, por se localizar na rua de mesmo nome, onde joga o Clube de Regatas Vasco da Gama, cujos torcedores são conhecidos como

	bacalhau.
(108) Elogiódromo	Referência irônica ao lugar onde se faz apenas exaltações às qualidades do assunto referido; local onde se questiona a não possibilidade de se fazer críticas.
(109) Pensódromo	Espaço silencioso que foi criado para o funcionário ter um lugar que permitisse o equilíbrio entre estudo, pesquisa e reflexão, em que seria ventilado e amplo, sem barulhos e telefone e com a internet liberada apenas para consulta.
(110) Rolezódromo	Local destinado para a prática do rolezinho, que significa fazer um pequeno passeio ou dar uma volta.
(111) Bichódromo	Local destinado para o encontro de indivíduos afeminados; pejorativamente vistos como 'bichas'
(112) Gayzódromo	Local que seria destinado para a realização de ações afirmativas do movimento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros)